

Exercícios dos universitários de Comunhão e Libertação

«ALGUÉM ALGUMA VEZ NOS PROMETEU ALGUMA COISA? ENTÃO, PORQUE ESPERAMOS?»

RIMINI, DEZEMBRO DE 2012

PASSOS
J



**«ALGUÉM ALGUMA VEZ
NOS PROMETEU ALGUMA COISA?
ENTÃO, PORQUE ESPERAMOS?»**

Exercícios dos universitários
de Comunhão e Libertação

R I M I N I , D E Z E M B R O D E 2 0 1 2

5PASSOS

© 2012 Fraternità di Comunione e Liberazione
Tradução de José Maria Almeida
com revisão de Isabel Maria Alçada Cardoso

INTRODUÇÃO | JULIÁN CARRÓN

7 de dezembro, à noite

“Espera” é a palavra que nos define a cada um de nós. E é esta espera que nos trouxe aqui, caso contrário não teríamos vindo. Mas, ao mesmo tempo, todos sabemos que ela é contrariada por muitas preocupações. Mil distrações procuram afastar-nos desta espera que cada um de nós é, querem afastar-nos de nós próprios, da nossa verdade mais profunda.

Por isso, conscientes da nossa fraqueza, da nossa fragilidade, pedimos ao Espírito que nos faça ser nós próprios, ou seja, o que verdadeiramente somos: espera ilimitada de realização.

*Vinde, Espírito Santo
Ballata dell’uomo vecchio¹*

Saúdo um por um, todos vós que viestes da Argentina, Áustria, Bélgica, Rússia, Eslovénia, Espanha, Suíça, Uganda, para além de Itália, com este grito, como acabámos de cantar, porque quanto mais passa o tempo, mais a vida avança, e mais nos apercebemos de como somos necessitados, de como a nossa espera é ilimitada.

É por isso que o título que escolhemos para os Exercícios deste ano não deixou ninguém indiferente. Todos nos sentimos provocados, pois toca um nervo descoberto em cada um de nós, como diz esta nossa amiga: «Quando soube do título dos Exercícios fiquei um pouco atemorizada porque não é de todo banal: “Alguém alguma vez nos prometeu alguma coisa? Então, porque esperamos?”. Para mim, a pergunta não é só essa, mas implicitamente compreende também outra: eu espero alguma coisa? Espero alguma coisa ou não? Na vida cheia de coisas a fazer preciso de encontrar tempo para esperar ou vivo esperando? Porque há um abismo pelo meio. Com efeito, se eu só procuro quando estou livre do resto, quer dizer que não amo, porque quando nos apaixonamos a presença do rosto

¹ C. Chieffo, “Ballata dell’ uomo vecchio”, in Cancioneiro, Lisboa, Comunhão e Libertação, 2005, p. 182-183.

amado permeia tudo o que se tem para fazer. Se vivo esperando, a porta do meu coração permanece entreaberta à possibilidade de que a Presença que eu espero entre em qualquer circunstância, incluindo a que estou a viver agora. A luta entre estas duas posições é contínua em mim, todos os dias».

1. Isto define o nosso ser, e os génios poéticos captaram e exprimiram-no de forma excepcional. «Fechado entre coisas mortais / (Até o céu estrelado acabará) / Porque anseio por Deus?»², diz Ungaretti. «Porque anseio?». Não vos distraia agora a palavra “Deus”: porque anseio tanto? Porque é que este grito, esta urgência, é tão forte? Anseio. Ansiar é desejar algo intensamente, apaixonadamente, quase de um modo irresistível. O que admira é que nós, embora fechados entre coisas mortais, entre coisas efémeras, tenhamos um desejo tão forte, tão ilimitado. E apercebemo-nos disso especialmente em certas circunstâncias.

«Ao responder à provocação do título dos Exercícios, não posso prescindir daquilo que tomou conta da minha vida nos últimos dias: a morte do pai de Stefano, um nosso amigo de Turim. Foi o primeiro de uma série de factos excepcionais face aos quais foi surpreendentemente fácil reconhecer a presença de Outro: no testemunho da mulher, dos filhos, no florescimento contínuo das relações, na unidade entre nós. E apercebi-me de como a hegemonia cultural, o poder de que nos falas muitas vezes, influencia a consciência do nosso coração, porque nestes dias redescobri do que estruturalmente é feito o meu coração. O meu coração é espera. Estas circunstâncias reabriram a ferida que constitui a própria natureza do coração, reabriram de par em par em todos nós a exigência de significado, felicidade e verdade, de que fala *O Sentido Religioso*. A experiência dos últimos dias mostrou-me com clareza que se o meu desejo é assim tão grande, é porque existe uma Presença igualmente grande que responde, e foi este desejo que me começou a mover e se tornou um pedido». De facto, não estamos em condições de responder a todo este desejo, a toda esta espera. Mas é como se muitas vezes esta espera estivesse sepultada, e então precisa de acontecer algo para despertá-la com toda a

2 G. Ungaretti, «Dannazione», in *Vita di un uomo. Tutte le poesie*, Milão, Mondadori 1992, p. 35.

sua força, como acabámos de ver. Ou como me contavam há pouco, ao jantar: a morte repentina da mãe de uma nossa amiga, que por isso não pôde vir aos Exercícios, determinou uma seriedade com a vida, no modo de estarmos juntos, no modo de enfrentar as coisas, que nos faz ser mais autenticamente nós próprios. Isto indica que a espera de que falamos não é pacífica, é uma espera obstaculizada de diversas maneiras.

2. Rilke identificou bem essa tentativa de contrariar a espera, que passa o clima em que estamos e os nossos dias. «E tudo conspira para nos calar, como se cala uma vergonha, talvez, um pouco como se cala uma esperança infável».³ A espera é contrariada, tudo conspira para fazê-la calar, mesmo entre nós, na banalidade dos dias, na distração quotidiana; é como se esta conspiração nos afetasse de muitas maneiras, em muitos momentos. Qual de nós pode não se render a este reconhecimento doloroso e real?

Um de vocês escreve: «O exemplo que trago é de hoje. Saio da universidade porque sinto um mal-estar como não me acontecia desde que andava no primeiro ano; não estou nada contente; ou melhor, estou especialmente abatido. Percebo que desde que acordei que fiz exatamente o que tinha em mente, cumpri todos os meus programas para este dia, estudei coisas de que gostava, fui às aulas que me interessavam, mas continua dentro de mim uma sensação de vazio. Uma certeza sobre o dia de hoje é que não estou nada contente, nem quero ir dormir, no geral, o dia terminou e não aconteceu nada. É evidente que Aquilo que me preenche eu não o faço, não o conheço, e enquanto isso não acontecer, nada. A verdade é que espero alguma coisa».

Espero, mesmo estando abatido. Como diz um outro amigo, que descreve esta luta, que pode ser a luta de cada um de nós: «Passei o primeiro ano da universidade a dizer não a tudo o que era proposto pelo Movimento e, em geral, pela realidade. Por trás desse não havia uma série de preconceitos, que nasciam sobretudo da comparação com a comunidade e a experiência que tinha feito anteriormente no Movimento. Alimentava-me, por conseguinte, dessas lamentações, criando justifi-

3 R.M. Rilke, «Seconda Elegia», vv. 42-44, in *Elegie duinesi*, Einaudi, Torino 1968, p. 13.

cações superficialmente razoáveis que me permitiam sobreviver e ficar protegido das mil provocações que chegavam até mim. Este *não* repetido e incessante tinha reduzido de modo substancial as perguntas que tinha sobre a vida, as minhas exigências, o meu desejo. Agora da realidade eu já não esperava nada. Tendo já vivido muitos anos no seio do Movimento, tinha desenvolvido uma posição burguesa em relação ao Movimento e à vida, porque já sabia tudo, não tinha necessidade de pedir nada. Tinha até reduzido a experiência do Movimento a uma *questão intelectual* a uma *ideia sobre a vida e sobre Deus*, tinha eliminado a hipótese de que aquele fosse um lugar para mim, que me fora dado para o meu amadurecimento; aliás, a comunidade tinha-se tornado um lugar contra mim. Iniciei, então, o segundo ano cheio de perplexidades e de preocupações, estava desorientado, não sabia porque ainda estava ali, porque motivo absurdo não tinha abandonado tudo. E depois aconteceu o que eu jamais podia esperar. Uma noite, tomando uma cerveja com um amigo, decidi deitar cá para fora todas as minhas perplexidades e as minhas dúvidas sobre a comunidade, não para reclamar, como se a responsabilidade pela minha insatisfação fosse dele, mas para procurar entender porque razão, da experiência totalizante que eu tinha feito antes de entrar na universidade, agora me sentia tão distante, quase que em desacordo com tudo. Às suas perguntas secas e não criticáveis dei por mim a arranjar desculpas e justificações para não responder, contornando o problema, pensando que talvez ele não tivesse entendido bem o que eu queria dizer, que não me conhecia o suficiente para poder entender qual era o meu problema. No entanto, ele tinha entendido até bem de mais. Tenho gravado na mente uma das perguntas que ele continuamente me repetia, e que eu procurava por todos os modos não responder: ‘Mas o que é que tu procuras?’. Não respondia porque do alto do meu orgulho e da minha soberba eu achava que, depois de uma vida passada no Movimento, não era a estas perguntas básicas que era importante responder. Quanto mais continuava a pensar que ele não tinha entendido quais eram, na verdade, os meus problemas, mais eu sacudia a questão, deixava-a de lado, respondia a outras coisas, porque “o que é que procuras?” era algo demasiado irritante, demasiado incómodo. Ele nada mais fazia senão colocar a verdade diante dos meus olhos, nada mais que isso, e a insistência com que ele o fazia só me deixa-

va irritado, colocava-me perante um esforço: perceber o que procuro e quais são os instrumentos para procurá-lo de modo claro. Houve um momento em que tive de ceder, já não conseguia deter o ímpeto da verdade, era demasiado forte».

Entre estas duas posições, a lembrada por Ungaretti: «*Porque anseio?*», e a descrita por Rilke : «*Tudo conspira*», quem tem razão? Espera ou conspiração? É uma alternativa que temos que encarar: de um lado, aquilo porque ansiamos, que surpreendemos dentro de nós almejando tão intensamente; do outro, esta conspiração que encontramos à nossa volta e dentro de nós, da qual também somos cúmplices. Quem tem razão? Não é um problema de alinhamento, não é um problema de sentimentos, não é uma questão de opiniões, é um problema de verdade: quem tem razão?

3. Eis, então, o terceiro ponto em que se insere o tema dos nossos Exercícios: «Como é grande o pensamento de que verdadeiramente *nada nos é devido*. Alguém alguma vez nos prometeu alguma coisa? Então, porque esperamos?».⁴ Porque motivo é mais verdadeira a espera do que a conspiração contra ela? Porque é mais verdadeira? Porque nada, como vimos, pode eliminá-la, ainda que possa estar sepultada sob mil distrações, sob mil preconceitos, sob mil objeções. Porque continuamos a esperar? Esta frase de Pavese, levamo-la connosco para o túmulo: «E, então, porque esperamos?». Cada um diga se pode contrapor alguma coisa a esta pergunta. O grande gesto de amizade que um homem pode fazer por outro homem é colocar-lhe uma pergunta verdadeira: «Alguém alguma vez nos prometeu alguma coisa? E, então, porque esperamos?». Na espera fica documentada a estrutura da nossa natureza, a essência da nossa alma. Nós esperamos porque a promessa está na origem, é a origem da nossa criação, da maneira como fomos feitos. Quem fez o homem fê-lo como promessa. E nós sabemos isso justamente porque esperamos.

«*Estruturalmente* – recorda-nos *don* Giussani – o homem espera; estruturalmente, é mendicante; estruturalmente a vida é promessa».⁵ Podemos dizer ou fazer tudo o que quisermos – tentar distrair-nos segundo todas as modalidades que conhecemos, ser coniventes com toda a conspiração

4 C. Pavese, *O ofício de viver*, Lisboa, Relógio d'Água, 2004, p. 276.

5 L. Giussani, *O Sentido Religioso*, Lisboa, Verbo, 2000, p. 79..

que existe hoje à volta desta espera, cada um pode acrescentar tudo o que sabe ou todas as estratégias que usa para fugir de encará-la, e mesmo estando juntos podemos não ter a coragem de a encarar –, mas não podemos arrancar de nós esta espera, porque é a estrutura da nossa natureza, não fomos nós que decidimos tê-la, nem podemos decidir suprimi-la, não é de nós que depende, não podemos fazer nada quanto a isso. Podemos, isso sim, decidir favorecê-la ou contrariá-la, amá-la ou odiá-la, e essa é a alternativa que se apresenta a cada um de nós todos os dias.

Eu anseio porque a substância do eu é a espera, e se a estrutura original do homem é esperar, a coisa mais terrível que posso fazer contra essa natureza que eu sou é não esperar nada. Escreve Pavese: «Esperar é ainda uma ocupação. Não esperar nada é que é terrível».⁶ É dramático esperar, mas é trágico não esperar nada. Com efeito, a alternativa à espera é o tédio. Bem o diz Blanchot: «A putrefação da espera [é] o tédio».⁷ Mas esta espera é tão resistente que, como escreve Marcel Proust, «saber que não há mais nada a esperar não impede que se continue a esperar»;⁸ ela é tão estruturalmente uma coisa só connosco, define-nos de tal forma em cada fibra do nosso ser, que não podemos não esperar. Como diz ainda Rilke: «Sempre distraído ainda na espera, / como se tudo te anunciasse uma amada». Uma pessoa surpreende-se “distraída” na espera. Como quando uma pessoa se apaixona: «Em que é que estás a pensar?». «Em que julgas que estás a pensar?». «Distraído ainda na espera, / como se tudo te anunciasse uma amada».⁹

Dos literatos aos cantores, o tema é o mesmo, como vimos na mostra sobre o rock'n'roll no Meeting deste ano; por exemplo, neste verso do grupo inglês Coldplay: «Não sei para onde estou a ir, não sei porque estrada cheguei, segura a minha cabeça entre as tuas mãos, preciso de alguém que entenda, preciso de alguém, alguém que escute. Eu esperei por ti todos estes anos, por ti esperaria até à vinda do reino, até que o meu dia, o meu dia chegue. E diz que virás e me libertarás. Diz só que vais esperar, que

6 C. Pavese, *O ofício de viver*, op. cit., p. 292.

7 M. Blanchot, *Lattes, Ioblio*, Milão, Guanda, 1978, p. 53.

8 M. Proust, *Alla ricerca del tempo perduto*, vol. II, *All'ombra delle fanciulle in fiore*, Milão, BUR, 2006, p.272.

9 R.M. Rilke, «Prima Elegia», vv. 31-32, in *Elegie duinesi*, op. cit., p. 5.

vais esperar por mim¹⁰». Predomina a espera, como cantámos no início.

Essa espera é testemunhada pelas mais diversas pessoas, que nos ajudam de um ou de outro modo a sentir algo que toca a fibra do nosso ser, que nos define. Ouçamos esta poesia de Rebora: «Da imagem tensa / Vigio o instante / Com iminência da espera». O instante. Mas o que é o instante? Basta que paremos um minuto para nos darmos conta de quanto esta espera define o nosso instante. «E não espero ninguém: / Na sombra acesa / Espio o campanário / Que impercetível expande / um pólen de som - / E não espero ninguém: / Entre quatro paredes / Estupefactas de espaço / Mais que um deserto / Não espero ninguém [não espero nada de concreto, porque nada me basta]: / Mas deve vir: / Virá, se resisto / A florir não visto, / Virá de improviso, / Quando menos o espere: / Virá quase perdão / De quanto faz morrer, / Virá a dar-me a certeza / Do seu e meu tesouro, / Virá como refresco / Das minhas e suas penas, / Virá, talvez já venha / o seu sussurro.¹¹ Virá.

A fim de estarmos prontos para esta chegada, nestes dias começemos por implorar a espera. Peçamos esta espera, peçamos para reconhecer esta espera, para sermos nós próprios, para coincidir com nós mesmos, para nos tornarmos disponíveis para a resposta, ajudando-nos com as palavras que cantámos: «Escuta-me, permanece ainda aqui, repete-me outra vez a tua palavra. Repete-me aquela palavra que um dia me disseste e que me libertou¹²». Podemos estar certos de que virá porque, como diz o Papa: «Deus [...] não se cansa de nos procurar, é fiel ao homem que criou e redimiu, permanece próximo da nossa vida, porque nos ama. É esta certeza que nos deve acompanhar todos os dias¹³».

Como diz esta nossa amiga: «A primeira vez que ouvi o título destes Exercícios fiquei quase sem palavras. Fiquei quase com medo, de tal modo impressionou o meu coração. Fiz de conta que não era nada, contentando-me em inscrever-me nestes Exercícios, certa de que as tuas palavras de algum modo me iluminariam. Mas cada vez que voltava a ouvir o título, o meu coração sobressaltava-se, e compreendi porquê: perante a pergunta

10 Coldplay, «'Til Kingdom Come», do CD *X&Y*, Capitol Records, (2005).

11 C. Rebora, «Dall'immagine tesa», in *Le poesie*, Milão, Garzanti, 1988, p. 151..

12 C. Chieffo, «Ballata dell'uomo vecchio», in *Cancioneiro*, op. cit., p. 182-183.

13 Bento XVI, *Audiência Geral*, 14 de novembro 2012.

de Pavese não posso e não quero fazer de conta que não é nada, preciso de responder: mas eu, porque espero? A radicalidade desta pergunta foi a mesma radicalidade que caracterizou os meus últimos meses. Há um par de meses, vi-me encostada à parede, sozinha com os meus medos e os meus contínuos fracassos. Eu não sabia gostar de mim, não me interessava o que estudava, custava-me estar na universidade, não sabia amar o meu namorado e os meus amigos. Além de tudo, ficava completamente esmagada pela ansiedade. A certa altura, porém, um amigo começou a olhar-me de modo diferente, gostava de mim tal como eu era ao mesmo tempo que me desafiava, com uma liberdade, uma paixão pelo meu destino nunca antes vista. Eu era amada. Foi esse olhar que lentamente me começou a mudar. Antes, todas as razões para acreditar que a minha vida tinha sentido, que Deus me tinha feito e me tinha feito bem, eram razões dispersas no ar e, quanto mais as repetia, mais se tornavam velhas, rançosas; mas quando esse meu amigo me começou a olhar daquele modo tão verdadeiro, tudo mudou, porque as razões não eram já um pensamento, tinham-se tornado carne, já não podia pensar em prescindir daquele olhar, já não podia estudar sem ao menos desejar ter a mesma paixão dele, já não podia olhar o meu namorado sem desejar amá-lo tal como ele é, porque existe, e aquela cruz tão pesada tornou-se a minha melhor arma. Mentiria se te dissesse que preferia ser diferente, tranquila, como parece que todos são, mas não minto se te digo que hoje posso afirmar com certeza que Deus não me fez errada. Todo o trabalho, todos os passos destes meses pude dá-los porque comecei a olhar para mim própria por inteiro. [Esta é a questão: olharmo-nos por inteiro]. A minha conversão quotidiana é entrar todos os dias em cada coisa partindo do que sou, toda eu. Já não me posso permitir olhar mais para as coisas e enfrentar os dias sem partir de mim própria. Eu sou o primeiro lugar onde o Mistério acontece e só porque o Mistério acontece é que eu me posso olhar assim. A vida tornou-se um verdadeiro drama porque descobri até que ponto preciso que o Mistério aconteça desvelando a verdade, desvelando-me a mim mesma. Só disso é que eu preciso e só isso me salva. O Mistério que acontece é a razão da minha esperança, e nada mais».

Peçamos que esse Mistério aconteça nestes dias.

8 de dezembro – de manhã

«O título dos Exercícios deste ano desafiou-me muito – escreve uma de vocês –. Corria o risco de considerar óbvia a minha adesão a este gesto; aliás, já o estava a pôr em questão na rotina de que é feita a minha vida, porque me obrigava a saltar uma aula de frequência obrigatória para estar aqui. Mas, mal ouvi qual seria o título, não tive mais dúvidas: para onde vou e para que serve o que faço se não tem um horizonte? Corro o risco – como me acontece em geral – de fazer tudo e nada. A beleza deste título foi-me reconfirmada por uma assembleia onde foi dito que a frase de Pavese tinha a ver com a afeição a si próprio, e eu quero mesmo perceber isto».

Para que serve o que faço se não tem um horizonte? O que é que isso tem a ver com a afeição a si próprio? Este é o primeiro ponto: a afeição a si próprio.

1. A AFEIÇÃO A SI PRÓPRIO

A afeição a si próprio – diz *don* Giussani – é um «apego cheio de estima e de compaixão, de piedade, para consigo mesmo [...]. É como ter em relação a si próprio um pouco do apego que a tua mãe tinha por ti, especialmente quando eras pequeno». Imaginemos a ternura com que uma mãe leva entre os braços o seu filho recém-nascido, totalmente comovida com a existência daquela criança, consciente de todo o desejo de felicidade que se desenvolverá nele, em virtude do destino grande a que é chamado. Se não existir em nós um pouco desta ternura, desta afeição por nós próprios – continua *don* Giussani –, «é como se faltasse o terreno sobre o qual construir¹⁴».

Todos sabemos que ter esta afeição por si não é uma coisa imediata; é de tal modo verdade que frequentemente, em vez de sermos afetuosos, somos violentos, duros, ferozes para nós próprios; em vez da afeição

14 L. Giussani, *Uomini senza patria* (1982-1983), Bur, Milão 2008, p. 291.

prevalece a recriminação, o lamento. Ternura para consigo próprio não é de todo uma coisa óbvia. Basta que cada um de nós pense quando foi que olhou para si próprio com um pouco desta ternura nos últimos tempos e, por outro lado, quantas vezes olhou para si próprio com dureza, com fúria, com aquela falta de piedade que transforma observar-se a si próprio em algo quase insuportável.

Para nos ajudar a descobrir como nasce esta ternura, *don* Giussani convida-nos a prestar atenção ao fenómeno da nossa evolução, vindo em ação como acontece: «Na história psicológica de uma pessoa, a fonte da capacidade afetiva é uma pessoa de tal modo reconhecida que é recebida e acolhida¹⁵». A sua afetividade realiza-se acolhendo e reconhecendo a pessoa que tem diante de si. Pensemos numa criança: a fonte afetiva, o que faz surgir nela toda a sua afeição, é a presença da mãe. A sua capacidade afetiva emerge ao responder ao sorriso da mãe, ao cuidado, ao amor e à presença da mãe. É tão decisiva para a criança esta presença que, se faltar, a fonte afetiva torna-se árida, pois não é algo que a criança se possa dar a si própria; não pode dar-se esta capacidade de afeição; por isso, a criança não se apega primeiramente a si mesma, mas à mãe. Toda a sua afetividade se desenvolve a partir desta presença boa, positiva. Para nos levar a entender as coisas, o Mistério não no-las explica – não dá à criança uma aula sobre a afeição a si próprio –, mas fá-las acontecer. A criança, por isso, primeiro vive a afeição, sente a afeição da mãe, apega-se à mãe, e depois, aos poucos, através disto, começa a apegar-se a si própria, a exercer a sua capacidade afetiva.

Don Giussani recorda-nos que, a certa altura – por experiência, todos o sabemos bem –, «este sinal natural» que é a mãe «já não basta¹⁶», e não porque a mãe mudou de atitude em relação a nós, ou porque já não existia. É tudo como antes, mas, a partir de um certo ponto, a sua presença já não basta. Porquê? Porque cada um de nós cresceu até à juventude, como que se dilatou o nosso ser, começa a emergir o nosso rosto, toda a força do nosso destino, toda a grandeza do nosso desejo, e aquela presença revela-se pequena em relação a tudo o que desejamos, torna-se

15 L. Giussani, «È venuto il tempo della persona», por L. Cioni, *Litterae Communionis* CL, n. 1, 1977, p. 12.

16 *Ibidem*.

evidente que já não nos basta. Como tomamos consciência disto? De novo, não porque alguém nos explica. Apercebemo-nos porque – como diz *don* Giussani – «irritamo-nos», começamos a sentir uma ausência de afeição, como se aquela afeição, que até um certo ponto bastava, já não bastasse mais; e, então, a pessoa sente-se confusa, desorientada, desordenada¹⁷. Aquela afeição era de tal modo decisiva até há bem pouco tempo, como a falta de uma afeição comparável pela sua necessidade deixa agora o jovem desnordeado, e então diz para si próprio: mas, se todos os fatores são os mesmos, se a mãe e o pai ainda estão presentes e não mudaram de atitude em relação a mim, porque me sinto agora desorientado, confuso, e já nada me corre bem?

Se não entendemos o que está a acontecer, prevalece a confusão, a desorientação, e nesta confusão começamos a grande corrida para procurar preencher este vazio de qualquer modo, precisamos de tomar medidas, como me dizia uma aluna do liceu: «Ultimamente acontece-me muitas vezes perceber como que uma desproporção em relação a todas as coisas que faço. Todas as vezes que faço algo que talvez me agrade (como uma noitada com os amigos ou jogar vôlei) sinto que, no fundo, não me satisfaz, não me basta, e então mergulho num turbilhão de coisas a fazer, que só fazem crescer este grito, e gostaria de pedir uma ajuda para ajuizar isto, para o enfrentar». Se não percebemos o que aconteceu numa certa altura da nossa vida, nesta evolução, pensamos tomar medidas entrando no turbilhão de coisas a fazer, e o que acontece? Em vez de resolver o problema, agravamo-lo; e como o que fazemos nos parece sempre insuficiente, fazemos mais, até ao esgotamento; mas, o único resultado é que isto, em vez de resolver, só faz aumentar o grito, o sentido de vazio. Aquela rapariga apercebeu-se de que atirar-se no turbilhão das coisas a fazer não responde: é preciso compreender o que é que se manifestou a certa altura da nossa vida, tomar verdadeiramente consciência de nós próprios, perceber até ao fim o que está a acontecer. De contrário, não resolvemos o problema, simplesmente vamos reproduzi-lo de outros modos. Por isso, dissemos que se trata de tomar consciência de si próprio. É um problema de autoconsciência.

17 Cf. *ibidem*.

O que é esta autoconsciência? A autoconsciência é «uma percepção clara e amorosa de si próprio, cheia da consciência do seu próprio destino e, por conseguinte, capaz de verdadeira afeição a si próprio¹⁸». Só se percebemos de quem somos é que podemos ter uma verdadeira afeição por nós próprios. Por conseguinte, o que aconteceu? Num certo momento do nosso desenvolvimento, emergiu a estrutura última do nosso eu. O desejo e a espera de que somos feitos tornaram-se conscientes em toda a sua dimensão. Porque é que aquela rapariga se apercebe de que já nada lhe basta? Porque se dilatou nela, de modo definitivo, toda a espera do coração, toda a capacidade de realização para a qual fomos criados, tornou-se evidente a grandeza do nosso destino. E, então, percebemos que «chegou o momento do Outro [com O maiúsculo], verdadeiro, permanente, do qual somos constituídos, da presença inexorável e sem rosto, infável¹⁹». Se não nos apercebemos disto, acabamos por substituir os pais por outra coisa, por não termos compreendido que naquela evolução se tornou evidente quem sou, que fui feito para este Outro. Se isto não acontece, não superamos a adolescência, não damos o passo para o reconhecimento do Outro, infável, um Outro que não conheço ainda, sem rosto, cujos traços não sei identificar, mas para o qual sou constantemente lançado, para quem tende todo o meu ser. Sem este passo, a adolescência parece nunca terminar.

Don Giussani é nosso amigo porque nos ajuda a ler, perceber e avaliar isto: «A juventude é o tempo do Tu [com T maiúsculo] no qual o coração mergulha [...] como num abismo, é o tempo de Deus²⁰». Sem reconhecer o Tu, este Outro, para quem a vida foi feita, é impossível ter ternura por si próprio, afeição a si; acabamos por nos embrulhar, irritamo-nos e confundimo-nos cada vez mais. Na juventude, a vibração de todo o nosso desejo deveria levar-nos a entender que, dentro da nossa vida, urge um Mistério, que somos feitos para um destino grande, misterioso: «Percebes-te com uma dinâmica, com um impulso irreversível para um destino ilimitado que nunca consegues alcançar definitivamente, mas que é um ideal de felicidade, de verdade, de justiça, de belo, de bom,

18 *Ibidem.*

19 *Ibidem.*

20 *Ibidem.*

cujas margens não sabemos tocar, um poderoso dinamismo que não me dá tréguas e me empurra para uma meta desconhecida, para uma margem que está para além de tudo o que vejo, que está para além de tudo o que toco, para além de tudo o que faço²¹». Se não tivermos consciência disto, não nos perceberemos a nós próprios e não compreenderemos porque é que nada nos satisfaz, porque é que lançar-se num turbilhão de coisas a fazer não responde: crescendo, o nosso eu revela-se segundo toda a sua verdadeira natureza, descobre-se maior, emerge aquilo para que somos feitos.

Podemos resumir esta experiência – o tornar-se evidente aos nossos olhos, num certo momento da nossa vida, daquilo para que somos feitos – com uma frase de Jesus que capta a raiz do que nos está a acontecer: «...que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua vida?²²». É a pergunta que todo homem, de qualquer latitude da Terra e época da história, se deve fazer, porque descreve melhor do que qualquer outra coisa a vibração do nosso ser. Que importa ganhar o mundo inteiro e perder-se no turbilhão das coisas a fazer, e isto não me satisfaz e até me faz perder a mim próprio? Que violência contra tudo e contra todos se gera na vida se não se entende isto! Se não se percebe isto será difícil uma verdadeira afeição a si próprio. Assim, tal como antes, eu zangava-me com a minha mãe porque já não me bastava a sua presença, e “irritava-me”, agora zango-me com os amigos, com a namorada, comigo mesmo, enfim, com tudo e todos. Em vez de afeição a si próprio, diz *don* Giussani, vem o ressentimento: «A adolescência não tem afeição a si própria, tem ressentimento de si própria²³». Precisamos admitir que viver com ressentimento em relação a tudo e a todos, a começar por nós próprios, não é o máximo da vida!

Mas, a partir do momento em que a minha humanidade aflora com toda a sua força, a afeição a mim não pode deixar de lado as minhas exigências, as minhas necessidades, tal como se manifestam. Por isso *don* Giussani insiste: «Esta afeição a si próprio traduz-se normalmente

21 J. Carrón, «*Nós também queremos ser escandalosamente felizes*». *A vida como vocação*, Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2012.

22 Cfr. *Mt* 16,26.

23 L. Giussani, *Uomini senza patria...*, op. cit., p. 292.

na seriedade das próprias necessidades, na seriedade do olhar para as próprias necessidades²⁴», na lealdade com o desejo tal como explodiu diante dos nossos olhos.

2. A NATUREZA DO DESEJO

A um certo ponto da nossa evolução, portanto, emerge com força, em cada um de nós, a natureza do nosso desejo: ele é desmesurado, sem limites. Apercebemo-nos do destino para o qual fomos feitos, de que somos feitos para o infinito, para o Outro (com O maiúsculo), e que a juventude é o tempo do Outro, do Tu. Mas tudo isto, não o compreendemos imediatamente. Toda a dinâmica da realidade, tal como a vemos na experiência, educa-nos para o sentido do Mistério, para o sentido do Outro, do Tu. É decisivo para nós determo-nos por um instante a ver como tudo o que vivemos repropõe esta experiência e educa-nos constantemente para o sentido do Mistério.

No caminho que nos está a ajudar a fazer sobre o tema da fé, Bento XVI fixou-se sobre o desejo do homem e sobre a dinâmica como se desenvolve na vida, como passo, como estrada para enfrentar a questão: «O caminho de reflexão que estamos a fazer juntos neste Ano da fé leva-nos hoje a meditar sobre um aspeto fascinante da experiência humana e cristã: o homem leva consigo um desejo misterioso de Deus», como também afirma o Catecismo da Igreja Católica: «O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem a Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que não se cansa de procurar». O Papa continua: «Com efeito, muitos dos nossos contemporâneos poderiam objetar que não sentem minimamente tal desejo de Deus. Em amplos setores da sociedade Ele já não é o esperado, o desejado [veem isto nos vossos colegas na universidade: muitos poderiam dizer: “Mas este desejo não o deteto em mim”, parecem indiferentes, mas o Papa diz:]. Na realidade, o que definimos como ‘desejo de Deus’ não desapareceu de todo e apresenta-se ainda hoje, de muitas formas, ao coração do homem²⁵».

É importante, pois, perceber como se manifesta, porque não é falando

24 *Ibidem*, p. 295.

25 Bento XVI, *Audiência geral*, 7 de novembro de 2012.

em abstrato do desejo de Deus que alguém descobre trazê-lo dentro de si. Muitas vezes vocês também dizem: «É abstrato», quase como os vossos colegas. O Papa ajuda-nos a ler como, na experiência, este Deus, este Outro, se manifesta na nossa vida do modo mais concreto: «O desejo humano – explica – tende sempre para determinados bens concretos, muitas vezes tudo menos que bens espirituais e, todavia, encontra-se face à pergunta acerca do que é de veras “o” bem». Com efeito, se aquilo que eu desejo fosse somente este bem concreto, deveria bastar, e pelo contrário, não basta; assim, é levado à «pergunta acerca do que é de veras “o” bem, por conseguinte, confronta-se com algo que é outra coisa e não é o eu, que o homem não pode construir, mas está chamado a reconhecer²⁶».

Nada disto é abstrato! Se “o” bem é abstrato, porque não me contento com um bem concreto e desejo uma outra coisa? Porque não me detenho no que é concreto e que, aparentemente, é o que desejo? Por isso, surge no homem a pergunta colocada pelo Papa: «O que é que pode verdadeiramente saciar o desejo do homem?». Porque faço esta pergunta a mim próprio? Porque é que tantas vezes vos fazeis esta pergunta? Será abstrato este desejo que vai para além? Não, é a coisa mais concreta, mais provocadora que trazemos dentro de nós! Não abrimos a boca, não podemos dizer e fazer nada, sem que este desejo esteja claramente presente: “grita” em cada coisa que dizemos, em cada experiência que fazemos. É o que se torna evidente, por exemplo, no amor, como observa o Papa. «Este dinamismo realiza-se na experiência do amor humano, experiência que na nossa época é mais facilmente sentida como momento de êxtase, de sair de si, como lugar no qual o homem sente que é atravessado por um desejo que o supera²⁷». Porque desejas mais? Porque, não quando ainda não encontraste o rapaz ou a rapariga que esperavas, mas quando o tens aí, quando está presente, desejas mais? Descobres que o desejo supera isso também.

«Quereria contar-te um facto que está a mudar a minha vida, sobretudo a conceção que tenho de mim mesma. Numa tarde, algumas semanas atrás, depois de dias de aridez absoluta, encontro o meu namorado na universidade e fui tomar um café com ele, toda desejosa de saber como estava, de passar um pouco de tempo com ele, e talvez descarregar sobre os seus

26 *Ibidem.*

27 *Ibidem.*

ombros alguma das minhas preocupações. Ainda não tínhamos entrado no bar, começámos imediatamente a discutir, porque a nossa relação não vai nada bem [os temperamentos não são compatíveis, diz-se com frequência: mas são tudo disparates o que se diz sobre os temperamentos compatíveis ou incompatíveis, porque o problema não é esse; pode-se conviver com temperamentos muito diferentes, desde que se entenda o que está em jogo]. Em suma, dois completos estranhos. Começámos a discutir por uma estupidez e eu procuro, como de costume, dizer palavras boas para procurar converter aquele que, às vezes, rotulo como *o rebelde do meu namorado*. Até que, quando parámos de gritar um com o outro, vejo nos seus olhos e no seu rosto uma tristeza tão estranha como familiar, mas procuro desviar o olhar e volto aos estudos. À noite, depois de uma festa de formatura de dois nossos amigos, ele leva-me a casa de carro e, a certa altura, com grossas lágrimas nos olhos, diz-me: *a mim já nada me basta: o estudo, os amigos, tu; é tudo muito pouco para mim*. Eu, rebelando-me um pouco e comovendo-me um pouco, abraço-o. Nunca como dessa vez entendi que ele não é meu e que eu não posso fazê-lo feliz, que posso dizer tudo o que quiser, posso chateá-lo com todas as coisas belas que vivo e tentar, mesmo de boa fé, ajudá-lo a viver, mas o seu coração pede mais. Quem é que lhe põe nos olhos e no coração toda esta tristeza? Quem pode completá-lo? E estas perguntas suscitaram uma distância boa entre nós: ele tornou-se algo de sagrado, sagrado porque sinal do bom Deus que o está a chamar e que também me está a chamar a mim agora. E tornou-se nisto não dizendo-me as coisas certas, não sendo o namorado ideal, mas tendo nos olhos uma tristeza divina. Apercebi-me de que só respiro se Ele me toma e invade toda a minha vida, porque nem mesmo ao meu namorado – que é a pessoa mais querida para mim – consigo querer bem. Reconhecer isto, para mim, não é uma coisa pacífica, porque o chão começa a tremer sob os meus pés e cada dia é uma luta entre a posse doentia e egoísta das coisas e a consciência de que tudo é de um Outro. Não é algo fácil, mas é a única coisa que me corresponde, porque nunca sou eu mesma a não ser quando Cristo acontece em mim e me invade com a Sua presença».

Então, amigos, amar um outro é amar aquele destino, é amar aquele desejo, é abraçar aquela tristeza divina. E se reduzem tudo a posse,

na realidade não possuem o outro: possuem o seu aspeto mais efémero, mais aparente, mas não o amam, porque o outro é feito daquela tristeza, daquele desejo que o torna consciente de que sois demasiado pouco para ele. Por isso, diz o Papa, através da experiência amorosa poderá «progressivamente aprofundar-se para o homem o conhecimento daquele amor que inicialmente tinha experimentado. E irá cada vez mais perfilando-se também o mistério que ele representa». Com efeito, «nem mesmo a pessoa amada [...] é capaz de saciar o desejo que se hospeda no coração humano; aliás, quanto mais autêntico for o amor pelo outro, tanto mais deixa surgir a pergunta sobre a sua origem e sobre o seu destino, sobre a possibilidade que tem de durar para sempre. Portanto, a experiência humana do amor tem em si um dinamismo que remete para além de si próprio, é experiência de um bem que leva a sair de si próprio e a pôr-se diante do mistério que envolve toda a existência».

Existem outras experiências semelhantes a esta fundamental do amor; o Papa enumera-as: «Poderiam também ser feitas considerações análogas em relação a outras experiências humanas, tais como a amizade, a experiência do belo, o amor pelo conhecimento: cada bem experimentado pelo homem tende para o mistério que envolve o próprio homem; cada desejo que se apresenta ao coração humano faz eco de um desejo fundamental que nunca é plenamente saciado²⁸».

Nada nos basta, nada plenifica o nosso coração. Esta experiência é a mesma dos ídolos musicais que por vezes nós invejamos, como descreve John Waters na sua mostra sobre o rock: «Muitas vezes, somente quando uma *popstar* morre é que temos a possibilidade de observar quão ordinária ou cheia de sofrimento foi a vida de alguém que pensávamos ter tudo o que nós desejamos, vivendo numa bolha livre das preocupações humanas. Nesse fotograma cristalizado em que é descoberto o corpo, podemos olhar para uma vida que imaginávamos completa, e descobrimos que era tudo, menos isso. “O que acontece quando tens tudo?”. Quando uma outra *popstar* é arrancada do que é chamado *excesso*, podemos ouvir e procurar indícios. Em pouco tempo chegamos a um habitual esboço de conclusão: “Ah as *popstar*! Estilo de vida excessivo, tendência para o

28 *Ibidem*.

abuso do álcool e das drogas” e raramente vamos mais fundo do que esta análise superficial. Talvez num nível mais profundo e obscuro, percebamos um sentimento de vingança: há algo a dizer para sermos *normais*. Mas, na realidade, estas explicações não nos tornam minimamente capazes de entender a vida de uma pessoa que está morta. O que a história da “trágica Amy” ou da “Whitney solitária” omitem é em que medida a vida pessoal de uma estrela se assemelha à vida pessoal de todos nós. Intérpretes como Amy ou Whitney são abençoadas por um enorme talento, que lhes traz fama, riqueza e uma oportunidade com a qual a grande maioria das pessoas apenas sonha. Levam uma vida em que belíssimas casas, carros muito caros e suítes de hotel estão na ordem do dia. Vivem vidas superprotegidas, rodeadas por seguranças, altos muros protetores e cancelas eletrificadas. As vidas dessas pessoas, uma vez que deixam o palco e voltam para as suas existências blindadas, podem ser bastante diferentes do que as pessoas do público imaginam no autocarro quando voltam para casa, depois da noite. Ninguém dos que encontram parece indiferente à sua riqueza e fama; portanto, começam a não confiar nas pessoas, pensando não agradar a ninguém e não serem amados pelo que são [e sim apenas pelo que têm ou pela fama que possuem]. Perdem-se numa falsa versão da realidade, construída pela indústria para proteger o seu investimento. Por conseguinte, o talento, com a falta de uma base verdadeira sobre a qual se apoiar, procura fora de si uma ajuda química. Como disse Céline Dion, “tomar comprimidos para se exibir e outros para despertar e ainda outros para dormir”. [...] Mas o único momento real na vida de tal pessoa, os únicos momentos em que percebe alguma realidade que desafia a vida [...], é quando canta sobre o palco. Dentro de si, a estrela é definida não pelos símbolos da celebridade ou pelos frutos do sucesso, mas pelas próprias forças emocionais que nos afligem a todos nós²⁹».

«Sem dúvida – diz o Papa –, deste desejo profundo, que esconde também algo de enigmático, não se pode chegar diretamente à fé. O homem [...] conhece bem o que não o sacia, mas não pode imaginar ou definir o que lhe faria experimentar aquela felicidade da qual leva no coração a

29 J. Waters, «Memorial Room», in *Tre accordi e il desiderio di verità. Rock'n'roll come ricerca dell'infinito*, a cura por J. Waters, Società Editrice Fiorentina, Florença 2012, pp. 76-77.

saudade. [...] Sob este ponto de vista permanece o mistério: o homem é indagador do Absoluto, um indagador que dá passos pequenos e incertos. E contudo, já a experiência do desejo, do “coração inquieto” como lhe chamava Santo Agostinho, é bastante significativa. Ela confirma-nos que o homem é, no profundo, um ser religioso [...]. Podemos dizer com as palavras de Pascal: “O homem supera infinitamente o homem³⁰».

O Papa apela, pois, a uma “pedagogia do desejo”, a fazer um caminho, usar todas as coisas que nos acontecem para nos abirmos a este mistério, das alegrias autênticas da vida, que fazem emergir o desejo de Deus, até à experiência do facto de que nada nos satisfaz, a fim de que possamos aprender a esperar desarmados aquele bem que não podemos construir ou adquirir e a não desanimar com as dificuldades e os obstáculos que vêm do nosso mal, do nosso pecado.

Uma de vocês diz ainda: «Enquanto estudava para um exame, aconteceu que, no espaço de poucos dias, morreram duas pessoas que conhecia, ainda que superficialmente. Estes dois factos não me deixaram tranquila e puseram-me duas possibilidades: ou pensar que o meu estudo era inútil (porque, afinal, tudo termina no nada), ou pedir para poder viver tudo, mesmo o meu exame, de um modo que estivesse à altura da vida e da morte. A primeira possibilidade que me ocorria todas as manhãs eliminava a promessa de bem que intuí sobre a minha vida. Parecia que esta promessa já não era suficientemente forte para lhe dar crédito, e o resultado desta posição era que vivia tudo com superioridade e desinteresse, já sem esperar nada. Ajudada sobretudo pelo trabalho sobre a Jornada de Início de Ano, comecei a dar espaço à hipótese de que toda a realidade é para mim, de que toda experiência que faço [do amor, da amizade, da beleza, de todas estas coisas enumeradas pelo Papa] é para mim, para o meu amadurecimento, ou seja, para a minha autoconsciência, para que eu me aperceba de que sou feita e o que verdadeiramente desejo, e apercebi-me de que desejo muito mais do que passar num exame, que o que quero da minha vida não são alguns pequenos sucessos, mas a realização».

Mas muitas vezes, como já referia o Papa, ficamos bloqueados pelos nossos erros. «Neste período – diz-me um de vocês – vejo crescer em mim um cinismo, derivado não do facto de não encontrar nada, mas do

30 Bento XVI, *Audiência geral*, 7 de novembro de 2012.

facto de trair o que encontrei, e depois de ter cometido alguns erros apercebo-me de que a conceção que tenho de mim é determinada por esses erros e incoerências».

Conhecendo isto, o Papa diz-nos: não desanimeis por causa das dificuldades e dos obstáculos que vêm do nosso pecado, porque «mesmo depois do pecado – como escrevia na mensagem ao Meeting de Rimini – permanece no homem o desejo premente de um diálogo com o Mistério, permanece todo o desejo: *Ó Deus, Tu és o meu Deus, desde a aurora eu Te procuro, de Ti tem sede a minha alma, deseja-Te a minha carne, em terra árida, sedenta, sem água*». Nenhum mal, nenhum erro pode eliminar isto; «não só a minha alma, mas todas as fibras da minha carne são feitas para encontrar a sua paz, a sua realização em Deus. E esta tensão é ineliminável do coração do homem, mesmo quando se recusa ou se nega Deus não desaparece a sede de infinito que habita o homem. [...] A sede da alma e o anseio da carne de que fala o Salmista não podem ser eliminados³¹». Este é o sinal de como o desejo de Deus não é definido pelo nosso mal e de como o Mistério nos mantém vivos, de contrário Deus já nos teria eliminado da face da Terra.

O desejo permanece. «Por conseguinte, não se trata de sufocar o desejo que se encontra no coração do homem, mas de o libertar, para que possa alcançar a sua verdadeira altura. Quando no desejo se abre a janela para Deus, isto já é sinal da presença da fé no ânimo, fé que é uma graça de Deus. Sempre Santo Agostinho afirmava: “Com a expectativa, Deus alarga o nosso desejo, com o desejo alarga o ânimo e dilatando-o torna-o mais capaz³²”. Aí percebemos como é falso o que geralmente dizemos, ou seja, que é abstrato afirmar que somos relação com o infinito.

«Esta noite percebi que sou forte no discurso, teoricamente percebi tudo, mas depois, no quotidiano, nunca deixo que o que encontrei se torne o critério do dia a dia, das escolhas que faço, e assim, em vez de ficar mais serena ao fazer as minhas coisas, cresce em mim uma espécie de ceticismo. Por exemplo, quando disseste que somos feitos para o infinito, experimentei um certo mal-estar porque me parecia muito abstrato. Pensava no apartamento, onde tenho dificuldade de convivência com

31 Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012.

32 Bento XVI, *Audiência Geral*, 7 de novembro de 2012.

uma colega, e dizia: tenho pena, mas diante dela o facto de que nós somos relação com o infinito não adianta, é abstrato». Mas, o facto de te teres irritado com a tua colega demonstra que o nosso ser “relação com o infinito” é abstrato, ou, pelo contrário, demonstra que é verdadeiramente concreto? Porque não te basta qualquer tipo de relacionamento com a tua colega de apartamento? Porque te irrita? Somente pelo teu temperamento ou porque desejas algo diferente também na relação com ela? Continua a nossa amiga: «Pensei que no outro dia tinha posto em prática exatamente este meu raciocínio quando disse que estava muito irritada e saí do apartamento para tomar um pouco de ar. De imediato, porém, apercebi-me de que, apesar de ter fugido e de ter feito o que me passou pela cabeça, não estava feliz». Então o problema não são os outros, porque mesmo quando fugimos não estamos contentes. «O facto de ter pensado que ela estava a errar e ter fugido não me tornou mais livre, mas apenas mais alienada. Depois, nos dias seguintes, falei com uma colega e diante dela não é que a minha irritação razoável tivesse desaparecido, mas pensei: “mas quem sou eu para reduzir o outro aos seus erros, quando ninguém me olha assim? Se Jesus não nos olha pelos nossos erros, porque é que nós o deveríamos fazer?” Devo confessar-te que não foi nada abstrato ou intelectual reconhecer que somos maiores do que as reduções que fazemos, e que isto não quer dizer que os erros não nos dizem respeito, mas que podemos enfrentá-los sem fugir. Eu estou mais feliz a viver assim. Percebi que não sou feita para fugir, mas para estar inteira em toda a minha vida».

Quando vemos a dimensão total do nosso desejo, diante de uma grandeza tão ilimitada, a pergunta que vem à mente é: mas isto é uma vantagem ou uma condenação? Não será talvez uma condenação desejar assim tanto? O Papa fez referência justamente a essa objeção que se ergue dentro de nós, uma espécie de rebelião que sentimos: «Nesta altura, porém, surge uma pergunta. Não será, talvez, estruturalmente impossível ao homem viver à altura da sua própria natureza? Não será uma condenação este anseio pelo infinito, que ele percebe mas nunca consegue satisfazer totalmente?³³». Quantas vezes nos ocorreu a objeção: não seria melhor acomodarmo-nos? Não teria sido melhor que eu não tivesse encontrado nada ou ninguém que despertasse em mim este desejo de infinito? Por

33 Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012.

vezes, agradecer-nos-ia não ter acontecido aquele evento que o despertou em nós, preferiríamos voltar às cebolas do Egito, como o povo de Israel (eram escravos, mas pelo menos tinham as cebolas!). Porquê desejar tanto?

«Esta pergunta leva-nos diretamente», quanto mais forte e dramaticamente se percebe a espera – diz o Papa – «ao coração do cristianismo³⁴». É o último ponto do nosso percurso, que tomo de Péguy: «Para esperar é preciso ter recebido uma grande graça³⁵».

3. A PRESENÇA QUE ME PERMITE AMAR-ME AGORA

«O próprio Infinito, de facto – diz o Papa –, para se tornar resposta que o homem possa experimentar, assumiu uma forma finita. Desde a Encarnação, a partir do momento em que o Verbo se fez carne, foi extinta a inalcançável distância entre finito e infinito: o Deus eterno e infinito deixou o seu Céu e entrou no tempo, mergulhou na finitude humana³⁶» para dar uma resposta ao nosso desejo do infinito.

Perante tal notícia, como podemos estar seguros, como podemos saber com certeza que aquilo que o cristianismo anuncia aconteceu? Aqueles que encontraram Cristo reconheceram-n’O pela Sua capacidade de conhecer o coração humano. «Só o divino pode *salvar* o homem; ou seja, as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino só podem ser *conservadas* por Aquele que é o seu sentido último, ou seja, reconhecidas, proclamadas, defendidas». De facto, Jesus, o divino feito carne, o infinito que se fez finito, «demonstra na sua existência uma paixão pelo indivíduo, um ímpeto pela felicidade do indivíduo que nos leva a considerar o valor da pessoa como algo incomensurável, irredutível». Para Ele, o «problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem³⁷», a minha e a tua. É isto que vemos em cada página do Evangelho.

«Quando se aproximavam de Jericó, estava um cego sentado a pedir esmola à beira do caminho. Ouvindo a multidão que passava, perguntou

34 *Ibidem*.

35 Ch. Péguy, *O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude*, Grifo, Lisboa 1998, p. 16.

36 Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012.

37 L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, p. 108.

o que era aquilo. Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré que ia a passar. Então, bradou: *Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!* Os que iam à frente prendiam-no, para que se calasse [tudo conspira para calar este grito]. Mas ele gritava cada vez mais: *Filho de Davi, tem misericórdia de mim!*» [esta é a luta que se desencadeia em cada um de nós, entre aqueles que nos dizem: *Cala-te, não incomodes mais!* e o nosso grito: o cego de nascença gritava mais forte; e esta luta ninguém a pode travar em nosso lugar: o que corresponde mais, calar ou gritar? Somente a quem tem a coragem de gritar pode acontecer o que aconteceu àquele cego]. Jesus parou e mandou que lho trouxessem. [com este gesto, Jesus expressa toda a paixão por cada homem; ninguém da multidão se importa, querem fazê-lo calar – e, em geral, são os “amigos” que dizem: “Não incomodes!”; mas há Alguém que leva a sério todo o teu desejo: para e ordena que o tragam até Ele]. Quando o cego se aproximou, perguntou-lhe: *Que queres que te faça?* Respondeu: *Senhor, que eu veja!* Jesus disse-lhe: *Vê. A tua fé te salvou*³⁸».

Passaram-se dois mil anos desde que isto aconteceu, mas já não podemos eliminar da face da Terra: claro, podemos não lhe ligar, ignorá-lo, ou podemos abrir-nos à sua possibilidade. É preciso uma paixão por si próprio para captar no gesto de Jesus toda a promessa que Ele representa para a vida de um homem que deseja tudo, como aquele cego. De facto, «o maior milagre, que impressionava os discípulos todos os dias, não era o das pernas curadas, da pele purificada, da vista readquirida. O maior milagre era aquele do qual já falámos: um olhar revelador do humano, a que ninguém podia subtrair-se. Não há nada que convença mais um homem do que um olhar que o atinja e reconheça o que ele é, que revele o homem a si próprio³⁹».

Como aconteceu com aquela mulher da Samaria; a simples leitura do texto emociona-nos: «Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Os

38 Lc 18,36-42.

39 L. Giussani, *All'origine della pretesa cristiana*, op. cit., p. 62.

seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Disse-lhe, então, a samaritana: *Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber, a mim que sou samaritana?* É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: *Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: 'Dá-me de beber', tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!*" [Jesus poderia ter continuado com estes jogos: judeu, não judeu, samaritano; mas corta a direito: *Se conhecesses quem te diz 'dá-me de beber'...*; podemos começar a partir de qualquer ponto e aí se vê a diversidade: falando do que falam todos, Jesus vai diretamente ao coração da questão; e aquela mulher, como se não tivesse ouvido, diz-lhe:] *Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva? Porventura és maior do que o nosso patriarca Jacob, que nos deu este poço, donde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?* Jesus respondeu-lhe: [desafia-a de novo, não se retira]. *Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna.* [Então a mulher para de jogar, é de tal modo tocada no íntimo do seu ser, aquele facto é de tal modo correspondente ao que deseja, que transforma a sua arrogância em pedido:]. Disse-lhe a mulher: *Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la!* Respondeu-lhe Jesus: [dando-lhe um sinal] *Vai, chama o teu marido e volta cá.* A mulher retorquiu-lhe: *Eu não tenho marido.* Declarou-lhe Jesus: *Disseste bem [...], pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste a verdade.* [nem sequer cinco maridos tinham saciado a sede daquela mulher; podem acrescentar o que quiserem, mas aquela mulher tinha mais sede do que antes]. Disse-lhe a mulher: *Senhor, vejo que és profeta! [...] Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há de fazer-nos saber todas as coisas.* Jesus respondeu-lhe: *Sou Eu, que estou a falar contigo.* Nisto chegaram os seus discípulos e ficaram admirados de Ele estar a falar com uma mulher. [...] Então a mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade, e disse àquela gente: *Eia! Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não seria Ele o Messias?* Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus [...]. Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele devido às palavras da mulher, que testemunhava: *Ele disse-me tudo o eu fiz.* Por isso, quando os samaritanos foram ter

com Jesus, começaram a pedir que ficasse com eles. E ficou lá dois dias. Então, muitos mais acreditaram nele por causa da sua pregação, e diziam à mulher: *Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo*⁴⁰.

Comentando este texto, o Papa observa: «Não há homem ou mulher que, na sua vida, não se encontre como a mulher de Samaria junto a um poço com um cântaro vazio, na esperança de encontrar a satisfação do desejo mais profundo do coração, o único que pode dar significado pleno à existência. Muitos são hoje os poços que se oferecem à sede do homem, mas é preciso discernir para evitar águas poluídas. Urge orientar bem a procura, para não cair nas garras das desilusões, que podem ser ruinosas. Como Jesus no poço de Sicar, a Igreja também sente que precisa de se sentar ao lado dos homens e das mulheres deste tempo, para tornar o Senhor presente nas suas vidas, de modo que possam encontrá-Lo, porque só o Seu Espírito é a água que dá a vida verdadeira e eterna. Só Jesus é capaz de ler no fundo do nosso coração e de nos revelar a nossa verdade: “Disse-me tudo o que fiz”. [...] E esta palavra de anúncio – à qual se une a pergunta que abre à fé: “Não será ele o Cristo?” – mostra que quem recebeu a vida nova do encontro com Jesus, por sua vez, não pode não se tornar um anunciador⁴¹».

Isto é belo, mas acontece hoje? Era a pergunta que me faziam os meus alunos: “É belíssimo, também nós ficamos comovidos com a leitura das páginas do Evangelho. Imaginamos como se estivéssemos estado presentes ali! É belíssimo, mas acontece hoje?”

Escutemos a história de uma de vocês: «Há cerca de um mês, a minha vida teve uma reviravolta, finalmente. Finalmente, depois de dias e meses de total apatia, encontrei algo tão belo e grande que já não podia permanecer no ponto em que estava antes. Mas antes, onde estava? Vivía os dias à espera que passassem depressa, sem ter a mínima noção do que estava a acontecer à minha volta, mas sobretudo, dentro de mim. Vivi o mês de setembro com ansiedade e angústia, aterrorizada com a entrada na universidade, não sabia que me esperava a minha maior descoberta, a redes-

40 Gv 4,5-42.

41 Bento XVI, *Mensagem ao Povo de Deus na conclusão da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo*

coberta de mim mesma, o meu verdadeiro eu, que estava adormecido e que tinha esquecido. Graças a uma colega do liceu, em setembro cheguei à universidade e Alguém, estou certa disto, quis dar-me um presente, o dom inesperado pelo qual estou grata e que mudou a minha vida: o facto de ter assistido à apresentação do meu curso de licenciatura feita por alguns universitários, em 20 de setembro; lembro-me até da data exata, e de ter conhecido logo a seguir, no átrio, as pessoas que me deixaram uma sensação que ainda hoje me comove. Essas pessoas já me tinham impressionado sem eu saber nada delas, do Movimento, de *don* Giussani, do padre Carrón; apercebia-me, porém, que havia algo de diferente, que aquela familiaridade entre eles não podia ser dada por adquirida. Voltei a casa contente com a experiência feita e um pouco mais convicta da escolha universitária. Durante a primeira semana de aulas, as minhas colegas disseram-me: “Nós vamos à Escola de comunidade. Queres vir connosco?”. Instintivamente fui com elas, levada pela curiosidade. Pela primeira vez, vi o que significa viver algo tão profundo e, ao mesmo tempo, verdadeiro. Tenho lembranças vivas da Escola de comunidade, mas sobretudo de como me senti quando terminou: as únicas palavras que eu podia dizer eram: “mas que belo! Nunca tinha visto e vivido uma coisa assim!” À noite, perguntei-me: porque é que, entre todas as pessoas da universidade, encontrei justamente estas do Movimento? É apenas um acaso ou Alguém quer alguma coisa de mim? Fiz muitas perguntas a todos, algumas delas até banais, elementares. Li os apontamentos da Jornada de Início de Ano, comecei do zero, como principiante. Os meus pais agora ficam contentes quando me veem ir à universidade toda feliz, embora não sejam do Movimento. Olharam-me nos olhos e pediram-me simplesmente para contar o que me aconteceu. A todos aqueles que criticam, aos amigos com quem tive de me defrontar e que no início não entendiam (muitos ainda são céticos) só posso dizer: obrigada; obrigada, porque se eles não me tivessem oposto as suas razões, eu não teria encontrado as minhas, não teria ido ao fundo das questões. A disputa dialéctica obrigou-me a raciocinar, a discutir comigo mesma, explicando-me a mim própria e a eles o que eu tinha encontrado. No final, o que não posso mesmo ignorar são as pessoas que encontrei, os olhares que todos os dias me dirigem, as infinitas atenções que diariamente me dedicam e

que eu não consigo explicar. Porque, com todas as pessoas que existem, com todos os problemas que cada um de nós tem, eles ainda têm tempo para me dedicar a mim? Como é possível? Isto, na minha opinião, é o sinal mais tangível da presença de Cristo. Não são tanto as discussões que merecem crédito, mas a beleza que transparece em todas as pessoas que encontrei neste mês».

«O sentido da nossa vida – diz *don* Giussani – revelou-se-nos e revelou-se-nos, impressiona a nossa existência, acompanha e ajuda a nossa existência, dentro de um tempo e de um espaço, ou seja, dentro de uma realidade humana fisicamente perceptível», como a que esta amiga encontrou. O sentido da nossa vida alcança-nos dentro de uma realidade humana, «e esta realidade humana fisicamente perceptível, como companhia para a maturidade da nossa procura do destino, na nossa adesão e na nossa espera de que se revele totalmente o significado da nossa vida, esta forma, este pedaço de tempo e de espaço não é escolhido por nós, mas é encontrado, reconhecido (não escolhido, mas reconhecido): é este pedaço de tempo e de espaço que nos atinge, é o encontro, é aquele encontro e, por conseguinte, aquela percussão da nossa consciência que não tem par [como escreve a rapariga: “uma coisa que nunca tinha visto e vivido”]. Ainda que seja confuso, intermitente, apenas sugerido, mas tem dentro de si um acento inconfundível de promessa, de esperança e de perspectiva⁴²».

É o que conta também um outro amigo: «Encontrei dois novos amigos, partilhamos a vida na universidade, e logo nos primeiros dias apresentei-lhes uma pessoa que foi para mim muito significativa, uma testemunha muito importante. E ao voltarmos de carro, um dos dois disse-me: Nunca ninguém me tinha tratado assim».

«A fé – afirma *don* Giussani – é reconhecer o divino presente. Como há dois mil anos Simão, Madalena, a Samaritana, Zaquieu, talvez segundo uma formalidade aparentemente mais frágil e superficial, também tu foste tocado pelo pressentimento desta Presença, ou por esta Presença como um pressentimento de vida diferente, como o pressentimento de uma promessa de vida. De outra forma, não estarias aqui! Tomar cons-

42 L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza...*, op. cit., pp. 381-382.

ciência disto, olhar isto de frente, dizer: Tu a isto, como leva a abraçar de maneira diferente e com verdade, como leva a olhar com verdade, como leva a enfrentar com verdade todas as coisas!⁴³». O pressentimento de uma promessa de vida. Porque Jesus não apenas promete, mas cumpre.

«Caro Julián, na semana passada uma minha querida amiga disse-me que há um ano começou o noviciado das *Memores Domini* e que em breve vai viver numa casa do Grupo adulto. Devias ver o seu rosto apaixonado. Contava como tinha nascido nela e se tinha aprofundado esta decisão, com os olhos cheios de um amor, uma afeição a Cristo, como se fosse um companheiro da sua vida em carne e osso, nos últimos anos. Durante toda a noite olhei para ela, admirando como mudou e como estava tão feliz. Na verdade, naquele momento fiquei a pensar: ou está louca ou, quem pode corresponder de tal modo ao desejo do coração de uma pessoa, de modo a levá-la a decidir dar a vida toda, a não ser Cristo presente agora? Naquele jantar estávamos uns quinze amigos. Enquanto ela contava, várias vezes ocorreram longos momentos de silêncio, não um silêncio embaraçoso, em que não se sabe o que dizer porque tudo parece inadequado, mas um silêncio cheio de comoção, cheio de uma Presença imponente, uma Presença de tal modo imponente e real que mudou e conquistou a vida da minha amiga e que, naquele momento, através da sua mudança, estava a voltar a conquistar-me também a mim. Nada faz vibrar de tal modo o meu coração, às vezes a ponto de me comover, como o reconhecimento de Cristo presente agora, através de uma humanidade mudada. Para mim, isto tornou-se cada vez mais claro, porque me aconteceu a mesma experiência, inclusive ao ouvir-te falar na última Escola de comunidade ou ao ler a carta dos pais de Bizzo⁴⁴ por ocasião do primeiro ano da sua morte, ou a de Francesca⁴⁵. Quando isto acontece, descubro-me livre, em primeiro lugar, para me poder olhar a mim próprio sem escândalo pelos meus limites e livre para propor aos outros o que encontrei. Perante isto, porém, não consigo ficar tranquilo e nestes dias estou mais inquieto ainda do que antes, começo o meu dia e nada mais desejo

43 L. Giussani, *Qui e ora (1984-1985)*, Bur, Milano 2009, pp. 434-435.

44 Cfr. «Preferiti, anche dentro il dolore», carta de Flavio e Ester Bizzozero, 2 de novembro de 2012, Tracce.it

45 Cfr. D. Perillo, «Con la loro stessa vita», *Tracce-Litterae communionis*, n. 9, outubro de 2012, pp. 20-21; Id., «Guardate, io vado in Paradiso», 9 de outubro de 2012, Tracce.it

do que poder voltar a encontrar os traços do Seu rosto na realidade das coisas que tenho diante de mim, nos encontros que faço, porque se isto não acontece chego ao fim do dia tendo feito um monte de coisas (departamento, aulas, estudo, encontros, apontamentos do Movimento), mas com uma nostalgia infinita no fundo do coração, que me faz perguntar: mas para que serviu tudo o que fiz hoje se não pude encontrar-Te? Por isso, estou nestes Exercícios, grato por ter sido preferido e desejoso de continuar a caminhar para ser educado na simplicidade de reconhecer todos os dias que me *lanço na corrida para O alcançar, eu que já fui alcançado por Cristo*».

Por isso, como tem razão Péguy quando diz que «para esperar é preciso ter recebido uma grande graça!» E a graça o que é? A graça é Ele, a Sua presença, não antes de tudo os Seus dons, mas Ele, porque sem Ele eu não me posso amar agora, não posso ter esta afeição por mim agora. «Não se pode permanecer no amor a si mesmo – lembra-nos ainda *don Giussani* – sem que Cristo seja uma presença tal como é uma presença a mãe para a criança que não sabe como fazer as coisas, que choraminga porque a quer junto de si. Se Cristo não for presença agora – agora! – eu não posso amar-me e não posso amar-te agora. Se Cristo não ressuscitou, eu estou acabado, mesmo se tenho todas as Suas palavras, todos os Seus evangelhos. Com os textos dos evangelhos, no máximo, eu poderia até suicidar-me, mas com a presença de Cristo não, com a presença reconhecida de Cristo não!⁴⁶».

Cristo ressuscitou, ou seja, é contemporâneo no tempo e na história através daqueles rostos que me propõem de novo agora a Sua promessa. Como dizem alguns, ao falar dos vossos encontros: «Quando ando pelos corredores e encontro o olhar de um deles sinto-me feliz e em casa; quando não os vejo, quero procurá-los porque desejo estar com eles. Mas eles, alguma vez, me prometeram alguma coisa? Apercebi-me de que nunca nenhum deles me tinha prometido nada, mas na verdade prometeram-me tudo. São eles a promessa, com o seu modo de viver, de estar juntos, de olhar as pessoas a fim de que se sintam amadas, a fim de que não lhes falte nada. São eles a promessa». «Alguém te prometeu alguma coisa

46 L. Giussani, *Qui e ora...*, op. cit., p. 77.

hoje?» – diz ainda um outro – Devo reconhecer que uma promessa existe: os seus rostos».

«A comunidade – escreve *don* Giussani – é o lugar da continuidade do acontecimento, literalmente da continuidade do acontecimento de Cristo de há dois mil anos atrás, aquele do encontro com a Samaritana [...]. A comunidade é o lugar da continuidade do toque, daquele toque, daquele acento, que te deu um pressentimento de vida nova, uma promessa acenada, a referência a uma promessa de vida mais verdadeira, de vida, que te levou a juntares-te a nós. A comunidade é o lugar da continuidade de Cristo, a continuidade do acontecimento de Cristo, e do acontecimento do Cristo que te tocou. Porque é através de uma contingência, através de uma casualidade de circunstâncias, a casualidade de relacionamentos circunstanciais, que Cristo, que o acontecimento que Cristo foi para Simão ou para a Samaritana, se tornou acontecimento para ti. Cristo tornou-se o acontecimento da vida para ti através de uma casualidade de relacionamentos. Se te afastas desta aparente casualidade de relacionamentos, de circunstâncias, de relações circunstanciais, perdes, não estas relações, mas o que te impressionou nestes relacionamentos⁴⁷».

E o que é que te impressionou nesses relacionamentos? Ele, o Mistério feito carne, Cristo. Dizia-o – como que Lhe dando a palavra – são João Crisóstomo: «Não só com tudo isto testemunho o meu amor. [...] Eu deixei o meu Pai e vim a ti, tu que me odiavas, fugias de mim e não querias nem sequer ouvir o meu nome; segui-te, segui os teus passos, para me apossar de ti; uni-te, liguei-te a mim, agarrei-te, abracei-te. *Come-me*, disse, *bebe-me*. E eu tenho-te comigo no céu e ligo-me a ti nesta Terra. Não me basta que eu possua no céu as tuas primícias, isto não sacia o meu amor. Desci novamente à Terra, não só para me misturar com o teu povo, mas para te abraçar com força precisamente a ti⁴⁸ », para que tu pudesses ter afeição por ti próprio.

47 *Ibidem*, p. 438.

48 Cf. João Crisóstomo, *Commento alla prima Lettera a Timoteo, Omelia XV*, Edizione completa a cura di G. Di Nola, Città Nuova, Roma 1995.

ASSEMBLEIA | JULIÁN CARRÓN

8 de dezembro – à tarde

Julián Carrón: Chegaram-nos muitas perguntas e, tal como sempre, para não repetir, escolhemos entre as mais recorrentes a formulação que nos pareceu mais fácil de entender, mais compreensível. Começemos.

Pergunta - Apercebo-me que dizer que as coisas não me bastam encerra o risco do desinteresse e da falta de compromisso com a realidade. Por exemplo: é verdade que cantar bem (eu participo no coro) não preenche o desejo de infinito do meu coração, mas, ao mesmo tempo, preciso de o fazer bem para reconhecer os traços inconfundíveis d'Aquele que, pelo contrário, pode preencher o meu coração. Por isso, queria perguntar-te: diante da realidade, no fundo, nada basta, mas como conciliar esta resposta do coração com o facto de que a realidade é uma estrada? Porque preciso de uma coisa que em última análise não me basta?

Carrón - Agradeço-te muito esta pergunta porque, como sempre, o primeiro a aprender sou eu. Com efeito, refletindo sobre ela apercebi-me melhor ainda da genialidade do Mistério, porque este método é verdadeiramente genial. Imaginem o Mistério: está tão contente, tão feliz, que, como acontece quando duas pessoas estão felizes (imaginem duas pessoas casadas, querem difundir a sua plenitude, e assim dessa alegria brota o desejo de a comunicar a um filho), quer comunicá-lo. A criação nasceu assim, desta explosão de felicidade que Deus vivia, naquela relação única, misteriosa, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo; assim, quis criar os homens para poder partilhar com eles esta Sua felicidade. E que método utilizou para os levar a esta felicidade? Nós pensamos imediatamente: se quis partilhar connosco esta felicidade, porque não nos criou já diretamente no Céu? Porque não nos deu logo tudo, e não nos poupou o percurso? Mas, se começarmos a olhar para as coisas com um pouco de calma, fazemos a pergunta: se o Mistério tivesse feito isso, o que teria eliminado? A liberdade. Porque seríamos obrigados a viver assim desde o início, sem a

possibilidade de aderir livremente. Mas, uma salvação que não fosse livre seria humana? Já contei o diálogo que tive com um taxista “teólogo” em Milão: estava espantado – digamos mais –, quase que escandalizado com o facto de Deus deixar acontecerem certas coisas na história sem intervir. No fundo, no fundo, estava escandalizado com a liberdade (porque, no final, é este o ponto: o escândalo da liberdade). Para me fazer entender, perguntei-lhe: «Mas o senhor gostaria que a sua mulher lhe quisesse bem por um mecanismo que não lhe permitisse errar ou preferiria que ela lhe quisesse bem livremente?». E o taxista, de imediato: «Eu preferiria que me quisesse bem livremente». «Vê? O Mistério, que certamente não tem um gosto pior do que o senhor – em vez de criar outras estrelas que brilhassem mecanicamente, outros seres que girassem pontualmente segundo uma lei fixa – preferiu, quis correr o risco da liberdade».

Quando começamos a olhar para as coisas mais atentamente, vemos que a única possibilidade de o desígnio de Deus se cumprir é muito diferente da nossa imaginação, então começamos a perceber porque é que o Mistério nos fez com um desejo sem fronteiras, com um desejo ilimitado: para partilhar connosco a Sua plenitude. Mas, este desejo precisava de ser constantemente despertado, devia ser constantemente educado. E, como podia o Mistério voltar a escancarar continuamente o nosso desejo, educar-nos para crescermos com toda a nossa urgência de plenitude? A única modalidade era servir-se das realidades concretas; não bastava um discurso, porque um discurso não nos toma suficientemente, não nos dilata, não nos escancara. Colocou-nos perante coisas concretas que nos atraíssem, que nos abrissem, que escancarassem toda a nossa capacidade: da razão, da afeição, todo o desejo ilimitado que temos, e que é preciso continuamente despertar. E isto só podia acontecer através de algo concreto que, ao mesmo tempo, não nos satisfizesse plenamente. Só esse método tão real, tão concreto, tão preciso, que nos toma e alarga a nossa razão, podia, ao mesmo tempo, respeitar a nossa liberdade, para que nós, frente ao concreto que acontece, possamos escancarar-nos a algo que vai para além ou possamos recusar fazê-lo; como quando alguém recebe flores (é o exemplo que damos com frequência): as flores são uma coisa concreta – podem murchar –, mas são uma coisa concreta que remete para algo para além dela, são um sinal, como dizemos. Podemos decidir:

ou usufruímos delas até que murchem, como fazemos muitas vezes com as coisas e com as pessoas (possuímo-las até que se esgotem e depois ficamos totalmente sozinhos), ou seguimos aquilo para o que remetem, como sinal, o que nos abre. Este é um método de acordo com a natureza da razão, que se escancara perante o real, e é um método que respeita a liberdade. De tal modo é verdade (de tal modo é verdade!) que o método sacramental, este método do sinal, através do qual alguma coisa nos provoca, nos abre, nos alarga, foi o método seguido também por Jesus. Com efeito, Jesus, ligando as pessoas a Si, abria-as a um diálogo ainda mais misterioso com o Pai, educava-as constantemente para o Mistério. *Don Giussani* diz que a coisa fundamental que Cristo faz, do ponto de vista educativo, é educar o nosso sentido religioso; toda a luta inflamada que Jesus mantém com os discípulos, quando O querem reduzir à medida deles, é para os abrir ao Mistério. Os discípulos, ou o povo, querem apegar-se a Ele e basta, querem fazer dele um rei: «O que é que queres mais? Reconhecemos-te, multiplicaste os pães; reconhecemos-te, como se pode ver isso? Porque queremos fazer de ti um rei; reconhecemos a tua grandeza». Mas Jesus nunca cede, está tão consciente de como somos feitos, de qual é a nossa matéria-prima, de que tecido é o nosso ser, e por outro lado, de qual é a sua natureza, a sua missão, que diz: «Não, não, não, isto – ser feito rei – reduz o que eu sou e não vos bastaria», e alarga a medida, quase a ponto de nos escandalizar: «Se não beberdes o meu sangue e não comerdes a minha carne não podereis ficar satisfeitos». Jesus age alargando cada vez mais o desejo. Porquê? Porque não nos quer bem? É só com um olhar superficial que alguém pode dizer que não é amado por Ele. Na verdade, ama-nos tanto que nos deseja tornar cada vez mais plenos. Esta insatisfação que permanece, em cada coisa ou relação, é o modo através do qual Ele nos diz: «Mas Eu não te falto?». Por isso, sempre me impressionou uma frase que, desde que a li num livro de *don Giussani*, já a repeti muitas vezes: em toda a insatisfação que qualquer experiência do real deixa em nós, é como se o Mistério nos dissesse: «Sou Eu que te falto em todas as coisas que provas, sou Eu!». E aqui, de novo, entra a liberdade. Posso dizer: «E daí?», ou posso ceder à atração de que me sinto investido. É uma alternativa dramática, porque é sempre livre: este drama nunca está decidido, repropõe-se continuamente. É preciso

amar-se verdadeiramente, ter uma afeição verdadeira por si próprio, que não se satisfaça com qualquer coisa menor do que o coração deseja, para estarmos disponíveis, sem nos escandalizarmos com este método que Deus usa para nos educar, para nos atrair cada vez mais, para nos tornar cada vez mais plenos, para alargar constantemente o nosso coração e poder preenchê-lo ainda mais, mais e mais. Muito diferente da imagem que temos de uma «felicidade burguesa»! Mas sobre isso voltaremos a falar mais adiante.

Pergunta - Como pode unicamente o reconhecimento do meu coração inquieto ser sinal evidente da presença da resposta? Percebo que o meu coração inquieto é como uma porta aberta, mas não vejo como só o reconhecimento disto possa ser já sinal evidente da presença da resposta.

Carrón - Posso fazer-te uma pergunta? Se intervéns, deves estar aberto ao imprevisto. Já alguma vez te apaixonaste?

Pergunta - Sim.

Carrón - E já alguma vez viveste a experiência da saudade da pessoa amada?

Pergunta - Sim.

Carrón - E esta saudade que sentias por ela, porque a sentias? Porque te faltava?

Pergunta - Porque a tinha visto antes e, por conseguinte, depois faltava-me.

Carrón - Faltava-te; se estivesse presente, não te faria falta. E esta falta é sinal de que a tinhas encontrado, ou não?

Pergunta - Sim.

Carrón - Está claro?

Pergunta - Sim, bastante.

Carrón - Quantas vezes é precisamente isto que não percebemos: temos saudades porque nos falta alguém. Vocês perguntam: mas, porque é que se tenho o desejo, se tenho saudade, porque é que isto é sinal inequívoco de que existe o outro de quem sinto saudade? Precisamente porque, de contrário, não teria saudade. Mas este raciocínio, que aplicamos tão claramente à saudade pela pessoa amada, porque sem a teres encontrado não terias saudade, não o fazemos valer em relação ao desejo que sentimos dentro de nós? Mas o raciocínio vale igualmente, porque apercebo-me que tenho este desejo, esta espera, como diz Pavese, precisamente pela promessa que contém. Por isso, ontem à noite, retomando a frase de Pavese, insisti na pergunta: porque espero? Se ninguém nos prometeu algo, porque esperar? Nós temos dificuldade para perceber precisamente isto: parece que esperar é uma coisa óbvia. Contudo, todos os génios, como Pavese, reconhecem que nesse esperar há algo de misterioso, existe já o sinal da resposta, e percebem que é preciso alguém que desperte constantemente em nós este desejo. Não nos apercebemos de que o facto de ter o desejo não é óbvio. Por isso, Ungaretti – citámo-lo ontem – dizia: mas porquê eu, que estou sempre entre mortais e entre coisas mortais, que decaem, porquê eu, que me encontro sempre entre coisas finitas, tenho este desejo do infinito? «Porque anseio por Deus?». A nós estas frases, que dizem que somos melhores do que qualquer outra criatura, com toda a carga poética que encerram, parecem perguntas vazias, porque para perceber o alcance da pergunta é preciso a experiência da vida, é preciso ter percebido o que se viveu. Porque começo por falar da saudade? Porque é a experiência que têm ao vosso alcance para perceberem o que dizem os poetas e que dissemos esta manhã de um outro modo. A experiência da saudade permite-vos perceber: se vos falta alguém, já isto é o sinal de que existe; não, que não existe, mas que já existe! Se não existisse, nem sequer haveria a saudade. Imaginem que mudança de olhar se cada um, sempre que está triste, sempre que está sozinho, sempre que está insatisfeito, se comportasse como quando sente saudade: não a toma,

de facto, como pretexto para introduzir a dúvida sobre se a namorada existe, mas reconhece-a como o apelo mais poderoso à memória daquela rapariga, ao reconhecimento de que ela existe. Se para nós é o contrário, é porque nos falta uma familiaridade com o humano, com o tecido do humano, e então interpretamos tudo ao contrário. Isto torna a vida verdadeiramente pesada: uma pessoa dá-te um presente e tu pensas que está a gozar contigo; está a fazer um gesto positivo em relação a ti e tu toma-lo como uma negação. É como se não conseguíssemos encontrar a chave para entender o real, para entender o que acontece na vida, e isto confunde-nos. O facto de existir a pergunta é já o sinal mais evidente de que existe a resposta, porque, de contrário, nem sequer existiria a pergunta (a pergunta verdadeira, a pergunta que nos constitui): porque será que, estando sempre entre as coisas finitas, tenho desejo do infinito? Porquê? Se ninguém nos prometeu alguma coisa, porque esperamos? Porque, vivendo entre coisas mortais, anseio por Deus? Só se começarmos a olhar para estas frases sem as considerarmos óbvias, convivendo com elas, se abre aos poucos a passagem, começamos a perceber e interessa-nos perceber. Imaginem se cada um de nós lesse toda a realidade, toda a experiência humana, segundo o que diz *don* Giussani: «Sou eu que te falto em cada coisa que provas». A falta que sentes é o sinal mais evidente de que Eu te falto – de que te falta a Presença para a qual estás feito –. É como se a tua amada te dissesse: «Mas não te apercebes que sou eu que te falto?». E isto, percebemo-lo muito bem. Em vez disto, quando se trata das experiências fundamentais da vida, ficamos confusos.

Pergunta - Porque é que, para ti, a espera se torna alegria? Para mim, pelo contrário, permanece sempre inquietação. E, depois, a segunda pergunta que quero fazer-te...

Carrón - Percebeste alguma coisa do que eu disse até agora?

Pergunta - Sim.

Carrón - Porque o que para vocês é apenas inquietação, para mim pode ser alegria? Porque se começarmos a olhar para a saudade... algumas ve-

zes gostarias, tu que gostas do teu namorado, não sentir saudades dele, gostarias de superar esta fase?

Pergunta - Não.

Carrón - Não. Percebes, então, porque é uma alegria ter saudade?

Pergunta - Porém, é precisamente na relação com ele que vivo isto mais dramaticamente, porque precisamente com ele vem sempre à tona que eu sou necessidade de um Outro, e é dramático. Isto deixa-me inquieta.

Carrón - Precisamente isso, ou seja, o facto de ambos serem remetidos, na relação entre os dois, para o Único que vos pode realizar, torna dramática a vida. Porquê? Pelo que dizíamos antes, em virtude da genialidade do Mistério de nos abrir e dilatar o nosso coração, de escancarar o coração através de algo real, presente, concreto. E o que é que toma o nosso coração mais do que tudo o resto, escancarando-o ao máximo? A relação afetiva, porque as outras coisas podem tomar-te, mas não se apegam a ti a todas as fibras do teu ser. E quanto mais se apegam a ti, mais te escancara. Isto é altamente dramático, porque pensamos que o outro é que o deveria realizar. Mas se o outro bastasse, então a vida teria acabado. De facto, o que seria a vida depois disto? Aqui está em jogo a imagem que fazemos da nossa realização. Mas, precisamente a partir do exemplo da saudade, somos chamados a tomar consciência de que quanto mais uma pessoa se apegam a ti, quanto mais te toma, tanto mais te remete para outro lugar, precisamente porque estás feita para uma outra coisa, porque ambos foram feitos para uma grandeza que é infinitamente maior. Ao passo que, como escutámos hoje de manhã, quando um rapaz diz à sua namorada que ela não é capaz de o realizar, perante isto é como se houvesse um desencorajamento: «Então, se não sou eu que te realizo...». No entanto, este é o momento mais crucial, porque podes verdadeiramente aperceber-te de quem é a pessoa que amas e quem és tu. Não há nenhuma outra experiência humana que te faça perceber melhor quem é o outro e quem és tu. Isto é dramático, porque nós sonhamos que a relação afetiva seja o cume da nossa realização, ao passo que ela é grande porque nos

abre. Até o Papa diz – na *Deus caritas est* – que é a coisa mais próxima do divino. Mas, se não percebes que a relação é assim, porque nos abre para uma outra coisa, então o facto de despertares todo o desejo no outro parece-te uma injustiça, porque despertaste-o nele e, depois, não o podes cumprir. Dirias: se lhe desperto o desejo e, depois, não o posso realizar, melhor seria que não o fizesse porque só o torno mais infeliz. Pelo contrário, despertares-lhe o desejo e estares certa de que existe um Outro que o realiza, esta é a felicidade. Tu és decisiva para a pessoa que amas, porque o outro, só pelo facto de existires, pode descobrir para que é que é feito. Do mesmo modo, só pelo facto de o outro existir, podes descobrir para que é que és feita, ou seja, que ambos caminham juntos para o Único que realiza a vida. É isto que torna a vocação para o matrimónio um caminho para o Mistério. Porque vale a pena casar-se, se não por isto? De contrário seria um engano, seria algo que distrai; em vez de ser parte da estrada rumo ao destino, tornar-se-ia um obstáculo. Se é vivida por aquilo que é, a relação é o que mais nos remete para o destino, porque nada como a presença da pessoa amada remete para a realidade de que somos feitos. Se não percebemos isto, a relação torna-se um túmulo, como infelizmente acontece tantas vezes na nossa cultura: tendo reduzido o outro a alguém que me pode realizar, quando não me realiza, e como rapidamente me apercebo de que não me realiza, acabo no túmulo; com frequência, agora, chegamos de imediato ao túmulo, porque a nossa cultura já nos abriu a sua porta, através do divórcio. Mas, mais ou menos depressa, chegaremos todos ao túmulo se não reconhecermos que o outro é sinal do Único que nos pode realizar e não o cumprimento. Quando se procuram outras estradas para sair do sufoco, nada mais se faz do que reproduzir o mesmo mecanismo indefinidamente, até que, em vez de nos casarmos, compramos um cão, que não protesta, e assim o círculo fecha-se.

Pergunta - Esta manhã, definiste a fé como o reconhecimento do divino presente. Ainda no terceiro ponto, identificaste a comunidade cristã como o espaço, mas também como o instrumento para a verificação da pretensão cristã. A minha pergunta é esta: quais são os sinais inconfundíveis da contemporaneidade de Cristo hoje?

Carrón - O sinal mais impressionante da contemporaneidade de Cristo é a experiência de uma impossível correspondência. Quando, esta manhã, lemos a carta da nossa amiga que dizia: «Nunca tinha visto uma coisa assim», o que parecia impossível aconteceu diante dos seus olhos. Tanto vale para ela como para nós. Este foi o sinal evidente da Sua presença. Tal como para a Samaritana, como para Zaqueu, quando embateram em Jesus: no encontro com aquele homem realizava-se uma inimaginável, nunca experimentada, correspondência com o coração. Embater na resposta às exigências do coração deveria ser a coisa mais normal; pelo contrário, como nada corresponde nunca verdadeiramente, é algo absolutamente excepcional. Assim, quando se encontraram diante daquele homem, experimentaram uma correspondência de tal modo impossível de ser gerada por si próprios que disseram: «É Ele, é Ele mesmo». E de novo aqui o Mistério verga-se (verga-se!) à nossa experiência humana. Tu, como reconheces que é ele ou que é ela a pessoa amada? Por aquele repercussão única de correspondência, de uma certa correspondência, que descobres ao embater nele ou nela. *Don Giussani* diz-nos que esta é a experiência do evangelho: eles reconheceram-n'Os porque Ele era o único que salvava todas as dimensões do humano; só o divino salva todas as dimensões do humano. Então, o sinal mais evidente, o traço mais inconfundível da contemporaneidade de Cristo é que eu experimento uma correspondência: embato numa realidade através da qual faço uma experiência de correspondência com as exigências do coração que me parecia impossível, uma realidade diferente – excepcional – precisamente porque me corresponde. Este é o sinal mais irrefutável, mais indiscutível de todos, porque o que menos podemos criar; É de tal modo verdade, que se acontece é, sim, o que mais desejávamos, mas é também o mais imprevisto, como diziam os discípulos: «Nunca vimos uma coisa igual, uma experiência assim nunca a tinha percebido. Um olhar assim – poderia dizer Mateus –, nunca o vi antes; uma ternura assim, nunca a vi antes». Seria preciso ler o evangelho para ver, para surpreender em ação, em cada passagem, em cada narrativa, esta experiência. O cego de nascença levantou-se naquela manhã, como em tantas outras manhãs, dizendo: «Nunca ninguém viu um cego de nascença ver», e sucedeu-lhe o que parecia impossível. E esta correspondência – primeiro traço, primeiro sinal

da contemporaneidade de Cristo – não acontece nos meus pensamentos, mas ao embater – segundo traço – numa realidade humana diferente, uma realidade humana exterior a mim. E isto responde às nossas preocupações: «Mas eu posso inventar a fé?». Experimenta inventá-la, experimenta gerá-la através do teu pensamento! O cego não podia a inventar; encontrou-se, embateu em Alguém que lhe deu a visão que não possuía. É o embate numa coisa diferente, não uma criação do meu pensamento. Experimentem gerar um instante de alegria com o vosso pensamento, e vão perceber o disparate que dizemos quando afirmamos que somos nós que geramos a fé. Pensem no momento em que se apaixonam; pensem se são capazes de vos dar a vós próprios essa alegria, se são capazes de a gerar através do vosso pensamento ou da vossa imaginação ou com a vossa criatividade, por mais genial que seja. Nunca serão capazes de gerar, por vós próprios, um instante de alegria! Por isso, deixemo-nos disso: só podemos continuar a dizer certas coisas por uma deslealdade para com a experiência, porque a fé só acontece no embate com uma humanidade diferente, exterior a mim, não gerada por mim. Por isso o Papa diz: «A fé não é uma criação, é um reconhecimento». E esta realidade, uma realidade humana, é inconfundível, é diferente; é feita de pessoas iguais às outras, mas diferentes de todas as outras. A nossa amiga encontra-se com colegas na universidade e diz: «Eles impressionaram-me, havia algo neles de diferente». Não eram marcianos os que encontrou na universidade, não se vestiam de um modo especial; não, eram como os demais colegas, eram homens, mas não lhe escapou que eram diferentes. E como nós temos o detetor, o coração, para captar esta diversidade, de imediato percebeu a diferença no modo como se relacionavam com ela. Esta diversidade é uma amizade, uma alegria, uma gratuidade, impossíveis ao homem, e é de tal modo verdade que nasce a pergunta: como é que eles são assim? Embates numa diversidade humana que faz surgir a mesma pergunta de há dois mil anos atrás agora, agora, não como lembrança do passado, não lendo o evangelho como uma coisa passada; não, agora, embatendo numa realidade humana diferente fazes a mesma pergunta que os discípulos faziam a Jesus: «Porque é que és assim? O que fazes para ser assim?». Quantas vezes ouvimos estas perguntas de pessoas que viam como jogávamos, como passeávamos, como fazíamos silêncio ou como

cantávamos, ou seja, embatiam em nós, enquanto fazíamos coisas simples, humanas, porque nós não precisamos de outra coisa para mostrar esta diversidade. Como diz *don* Giussani: não precisamos de outra coisa do que comer, beber, viver e morrer, porque no modo como comemos mostra-se a diversidade, no modo como cantamos mostra-se a diversidade, no modo como somos amigos vê-se a diversidade, não precisamos de outra coisa. Coisas humaníssimas, mas que encerram dentro de si os sinais inconfundíveis de um Outro, que não escapam a quem tem o coração simples.

Pergunta - Hoje disseste-nos: «O sentido da nossa vida chega-nos no seio de uma companhia humana, fisicamente perceptível». Mas como fazer a passagem de reconhecer uma companhia excecional para o facto de que nela está Cristo? E uma carta dizia: «A promessa existe, são os vossos rostos»; pergunto-me: se são pessoas como eu, também não podem responder à minha exigência de realização.

Carrón - Escutemos a mesma pergunta de outro modo.

Pergunta - Muitas vezes na comunidade vejo como centro da amizade a boa convivência e não Cristo, mas o primeiro modo chateia. Como voltar com os meus amigos ao ponto central?

Carrón - Começemos pela primeira. Como se faz a passagem de uma companhia excecional para o facto de que nela está Cristo? Parece-me que o que dissemos na resposta anterior ajuda já a perceber porque é que a comunidade cristã é o sinal da Sua contemporaneidade. Porque esta diversidade, o reconhecimento desta diversidade numa realidade humana como as outras, levanta a pergunta: «Mas como é que são assim? De onde nasce esta diversidade?», que é a mesma pergunta que faziam diante de Jesus: «Mas não é este o filho do carpinteiro? Como é que faz estas coisas?». Como é que, sendo igual aos outros, sucedem estas coisas? Então, o ponto de partida para responder a esta pergunta é olhar para lá, olhar, olhar, olhar. *Don* Giussani ajuda-nos nisso: «Na nossa experiência [existe] algo que vem de além dela: imprevisível, misterioso, mas dentro da

nossa experiência». ⁴⁹ Então, olhando para esta experiência, dentro desta experiência, encontramos algo de real, misterioso, que desperta a nossa pergunta, que desafia a nossa razão: nós somos chamados a dar razões da diversidade que encontramos na nossa experiência, de contrário censuramos-la: «A fé é uma forma de conhecimento que vai para além do limite da razão. Porque vai para além do limite da razão? Porque se apercebe de uma coisa que a razão não se pode aperceber: “a presença de Cristo entre nós”, “Cristo está aqui agora”, a razão não o pode perceber como percebe que tu estás aqui [...], [que está aqui este copo de água]. Porém, não posso deixar de admitir que está. Porquê? Porque há um fator aqui dentro, há um fator que avalia esta companhia, certos resultados desta companhia, certas ressonâncias desta companhia, tão surpreendentes que se não afirmo a existência de algo de outro [se não reconheço algo de outro] não dou razões da experiência, porque a razão é afirmar a realidade experimentável, segundo todos os fatores que a compõem, todos os fatores. Pode haver um fator que a compõe do qual se sente o eco, de que se sente o fruto, de que se vê também a consequência, mas que não se consegue ver diretamente; se eu digo: [como não o vejo] “Então não existe”, erro, porque [para dizer que não existe] elimino algo da experiência, [e isto] já não é razoável⁵⁰». É um tipo de conhecimento que está em jogo em muitas ocasiões da vida. Vês certos resultados, certos sinais da relação que a tua mãe tem contigo e que não tem com outras pessoas: se não encontras razões para eles, se não te perguntas porque existem, o que significam esses gestos, esses sinais, se diante de alguém que te diz. «Esses sinais existem porque a tua mãe te quer bem», tu replicas: «Mas eu não vejo isto, pois vejo somente os sinais», estás a ser irrazoável. Com efeito, os sinais testemunham algo de outro, o que é de tal modo verdade que a pessoa que não te ama não os realiza, não mostra uma certa atitude em relação a ti, não faz certas coisas por ti. Tu deves apagar da tua experiência certas coisas para não aceitar que ali dentro está algo diferente, que deves reconhecer, que é o amor da tua mãe; tens de ser irracional ao dizer que não o vês, que só vês os sinais. Assim, vemos os sinais de uma certa modalidade da nossa companhia: uma certa amizade, uma certa diversidade. Mas

49 L. Giussani, *É possível viver assim?. Esperança II*, Tenacitas, Coimbra 2009, p.95.

50 *Ibidem*, p. 96.

é precisamente esta diversidade que grita por um Outro. Experimentem dar uma outra razão adequada que não seja Cristo. Jesus desafiava os discípulos: «E vós, quem dizeis que eu sou?», desafiava-lhes a razão. E o que é que tinham à mão para responder a esta pergunta? A experiência mais parecida era a dos profetas, contudo, de imediato, diziam: «Mas este é mais do que um profeta». E não conseguiam explicar de maneira adequada aquela diversidade. E quando Jesus lhes disse (todos vocês leram na Escola de comunidade a história do rei de Portugal):⁵¹ «Sou eu, sou eu o Mistério que vós esperais», «Ah!», isto explicava todos os sinais que tinham visto melhor do que qualquer outra resposta. Mas é uma dádiva – de novo – à nossa razão e à nossa liberdade. Vejam se encontram uma explicação mais adequada para essa diversidade que descobrem entre vós, uma explicação que não seja dizer que esta diversidade, que estes sinais, que tornam diferente a vossa companhia, são a documentação mais evidente da contemporaneidade de Cristo, pois nos é impossível gerá-los. Vejam se o que as pessoas podem descobrir em nós e que leva os outros a pôr-nos a pergunta: «Mas quem sois vós?», depende unicamente do facto de que somos mais geniais ou mais coerentes ou melhores do que os outros. Experimentem. É evidente que todos os nossos limites juntos não produzem o efeito que espanta os outros: a única razão adequada para o explicar é Cristo, é Ele que possibilita todas estas coisas entre nós, que nos torna capazes de uma amizade diferente, que nos torna capazes de cantar de um modo diferente, que nos torna capazes de viver diversamente o estudo, segundo a diversidade que Ele introduziu na história. E quando vemos isto e O reconhecemos, percebemos que existe um modo de viver entre nós que nos ajuda a reconhecer Cristo. Dizia a segunda pergunta: «Mas às vezes nós reduzimos esta amizade a uma boa convivência, em vez de reconhecer Cristo». Pergunto-vos: quando nos satisfazemos em estar bem juntos, falta-nos algo? Qual é o primeiro sinal de que estamos satisfeitos em estar bem juntos? Tu próprio o disseste: «Aborrece-me». Parece nada, mas é o sinal de que nos esquecemos d’Ele. Sem reconhecer Cristo, aborrecemo-nos, tal como na relação com a namorada ou com o namorado, de acordo o que vós próprios dissestes: «Nem mesmo tu me

51 Cfr. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 77-78

bastas». Porque se aborrecem, se Cristo é tão abstrato? Se é uma coisa tão abstrata, como sempre me dizem, porque é que se o afastais e vos limitais a “estar bem juntos”, depois vos aborreceis? O primeiro sinal de que reduzimos o nosso estar bem juntos é que nos aborrecemos. O primeiro sinal de que eliminámos Cristo da nossa relação com o namorado ou com a namorada é precisamente o facto de que nos aborrecemos. Por isso, assim como existem os traços inconfundíveis da Sua presença, há também sinais inconfundíveis da Sua ausência; é preciso meter bem isto na cabeça. Não é um nominalismo a Sua presença ou a Sua ausência: confirmamo-lo na experiência! Quando O reconhecemos, não o estamos a inventar: é o reconhecimento de algo que está presente; e se não O percebemos, não é porque não existe. E o primeiro sinal da eliminação de Cristo é que tudo nos aborrece: convivemos bem, não é que o jantar tenha corrido mal, não é que não estivéssemos todos ali, mas aborrecemo-nos! Ao passo que o mesmo jantar, numa outra vez, estava pleno de uma tal presença que voltamos para casa comovidos. Se O reconhecemos! Nada disto é abstrato, jovens! Perguntais-me: «Como voltar ao ponto central?». Digam-me, antes de tudo: porque é que devem voltar ao ponto central? Se vos falta algo, voltem; se não vos falta, porque deveríamos pôr o problema? Andai às apalpadelas no meio do vosso tédio. Porque precisamos de criar problemas com Cristo e com a fé se estamos muito bem mesmo sem Ele? Se voltamos para Ele é porque sem Ele nos aborrecemos, entendem? O que consideram abstrato – Cristo – é tão concreto que se não está presente, aborrecemo-nos; e se está, torna-nos tão alegres que faz crescer o desejo. Falta-nos alguma coisa quando Ele não está? Falta-nos alguma coisa quando nos contentamos com estar bem juntos? Ele falta-nos ou não? Muitas vezes esta é a questão: que não nos falta! Por isso, o nosso pecado não está só nas coisas que fazemos mal, as coisas que fazemos de modo errado, os nossos erros não seriam nada: o problema é que não sentimos a falta de Cristo.

Pergunta - Na lição desta manhã, descreveste-me completamente, sobretudo nos últimos seis meses, até que...

Carrón - Ninguém me contou nada!

Pergunta - ... até que citaste o Papa respondendo à pergunta: mas este desejo, no fundo, é uma aldrabice ou não? E o Papa dizia: «O infinito assumiu uma forma finita». Nesse momento cheguei mesmo a irritar-me, porque não tenho exemplos disso.

Carrón - Em vez de nos alegrarmos, irritamo-nos com as boas notícias. Dão-nos um presente e nós irritamo-nos...

Pergunta - E fiquei mais irritada ainda quando disseste que Jesus não só promete, mas realiza, porque se penso em mim, digo: acontecem coisas grandes, mas estou sempre triste e então digo para mim própria: o que significa que Cristo me realiza hoje?

Carrón - O que quer dizer «realizar»? A confusão que, muitas vezes, carregamos é esta: para nós, realização quer dizer anulação do desejo, não desejar mais; de facto, se eu não desejasse não ficaria triste, porque a tristeza – dizia são Tomás de Aquino – é a percepção de um bem ausente. Por isso, fico triste, porque me falta alguma coisa. Então, como imaginamos a realização? Como um estado em que não nos falta nada. Este seria para nós o “top” da realização, uma espécie de realização “budista” (usando a expressão em sentido lato): anular o desejo. Por outro lado, há também a “realização burguesa”: eu encho-me com tantas coisas a ponto de já não desejar mais nada. Imagina que tu, por um momento, estivesses de tal modo plena, que já não desejasses mais nada, o que seria a vida? Um tédio sem fim. Por isso *don* Giussani diz uma coisa muito bonita sobre a realização final: «Não é como alguém que tem sede e vai beber, e depois de ter bebido, já não tem sede [esta é a nossa imagem: bebo, assim já não tenho sede]; é mais como alguém que tem sede e enfia o rosto na água da nascente e bebe, e quanto mais bebe, mais sede sente; onde beber significa satisfazer continuamente uma sede contínua». ⁵² Tu gostarias de já não sentir mais saudade do teu namorado? Ou não ter mais sede? É isto que desejas? Seria a tumba do seu amor. No dia em que já não sentes “sede” de ver o teu namorado significa que já não te interessa mais.

52 L. Giussani, *Acontecimento de liberdade*, Diel, Lisboa 2004, p. 25.

Muitas vezes pensamos na realização como a anulação do desejo: já não sentir a necessidade, a saudade, a tristeza. Mas isto seria desumano. O que queres é desejar cada vez mais o teu namorado, vê-lo cada vez mais e que a sua presença preencha continuamente a tua sede, despertando-a constantemente. É isto que desejas, não que não exista mais sede. Se não percebemos isto, deixamos subsistir uma imagem da realização como anulação do desejo. Por isso, *don* Giussani descreve o Paraíso como: a satisfação contínua de uma sede contínua. Se não fosse assim, o que seria? Um tédio infinito. Imagina toda a eternidade sem desejar nada. Terrível só de pensar. Menos mal que não seja como nós pensamos. Pelo contrário, que eu esteja diante da Sua presença e que deseje cada vez mais estar diante dela, isto é o Paraíso: quanto mais estou em relação com Cristo, mais se desperta em mim a saudade d'Ele e o desejo de estar com Ele! A Sua presença desperta-me constantemente a sede. Sem isto, seria o tédio infinito. É isto que Cristo introduziu. Cristo não veio para apagar o drama, de modo que tu, a um certo ponto, não já tenhas a necessidade da relação com Ele. Cristo veio para exaltar o drama. É como com o teu namorado. Com efeito, desde que te apaixonaste, exaltou-se o drama: estavas mais sossegada antes de te apaixonares, sim ou não? Então, preferes não te apaixonar? É isto que preferes? É por isto que te irritaste esta manhã? Agora, se falamos do namorado, encontras um exemplo na tua vida que te faz entender o que não te convencia esta manhã: a realização que verdadeiramente desejamos é o contrário do que estava implicado na sua reação desta manhã, que foi – podemos dizer – “intelectual”, fruto de um modo de usar a razão separada da tua experiência, porque na tua experiência acontece o contrário do que disseste. Se para entender as coisas não partirem da própria experiência, vão errar, vão complicar a vida e começar a ficar..., como dizias?

Pergunta - Irritada.

Carrón - Irritados. Não devem irritar-se! Irritamo-nos com Aquele que nos vem salvar: estamos no bom caminho! Por isso, é importantíssimo que nós, como sempre nos ensinou *don* Giussani, comecemos a falar das coisas a partir da experiência, não a partir das nossas imagens, do que

seria aparentemente lógico, segundo um certo modo de pensar – que é o contrário do que diz a experiência –: a realidade torna-se transparente na experiência, é na experiência que aprendemos o que é a realidade, não nos teus pensamentos. Mas nós, como estamos separados da experiência, começamos por nos irritar. Cristo veio exaltar o drama, não encerrá-lo. A «criatura nova» é uma exaltação da razão e da afeição, não a anulação nem de uma nem da outra: se fosse uma anulação, Cristo não nos salvaria, mas enterrava-nos; não seria a realização, mas o túmulo.

Pergunta - Como é possível olharmo-nos com ternura? Perante o meu pecado, da primeira vez digo: «Não devo desanimar»; da segunda, «É o meu limite, não me deve espantar»; da terceira, «Não fui benfeita». E quando me apercebo que Cristo está presente acabo a dizer: «És muito bom para mim, eu porém continuo a pecar», e estou sempre no ponto de partida...

Carrón - É como se disseses a Jesus: «És muito bom para mim, mas és um pouco inexperiente, não me percebes bem, porque eu fui malfeita». É como se na relação entre Cristo e ti tivesse acontecido um erro.

Pergunta - O facto é que me pergunto....

Carrón - Em suma, Jesus seria bom, mas inexperiente.

Pergunta - Não, porém... bem, em parte sim, porque me pergunto nesta altura: porque me escolheu? Que desígnio tem para mim? Porque eu estou sempre aqui, continuo a pecar, não consigo e, então, volto a dizer a mim mesma: como é possível amar-se, como é que o caminho não se torna uma ânsia de perfeição e a intuição se torna consistência?

Carrón - Obrigado por esta pergunta, porque nos ajuda a perceber também outras coisas decisivas. Nós identificamos – como dizíamos antes – a realização com a anulação do desejo, concebemos a felicidade com o não ter limites; e quando Jesus não cancela de imediato os nossos limites, temos um tilt, pensamos que Ele é bom, misericordioso, mas no

fundo não percebe que «fomos malfeitos». Nós pensamos que ser cristão significa já não pecar mais, já não errar mais. Claro, Jesus quer chegar a isto, mas fazendo um caminho, segundo um desígnio que não é o nosso. Por isso, Cristo não se assustava nem se admirava pelas múltiplas vezes que Pedro (para dar um exemplo que te ajude) não percebia, como Pedro errava. Poderia tê-lo «coberto de asfalto», mandá-lo embora. Mas como é possível escolher gente que não percebe e que continua a errar? Jesus era um pouco inexperiente, e por isso escolheu pobres homens como Pedro, ou teria uma imagem do que queria fazer com eles, diferente da nossa? Escolheu-te cheia de limites, tal como me escolheu a mim, cheio de limites – o que não significa que somos malfeitos –, porque nos quer introduzir numa experiência diferente. Qual é o primeiro sinal de que, para Ele, o facto de errarmos não é tão decisivo como pensamos? O facto de continuar a dar-nos a vida. Isto pode dar-te uma primeira dica do facto de que Ele te considera mais do que o peso do teu mal.

Como faz com Pedro: não lhe diz que fez bem; não, corrige-o, repreende-o, diz-lhe de todos os modos, mas continua a ser seu amigo. E assim cria uma relação com Pedro que aos poucos o move. Leiamos como *don* Giussani descreve o diálogo com Pedro, depois que este cometer o maior erro: renegou-O diante de todos na véspera da Paixão. Encontra Pedro depois da ressurreição, na margem do lago. Estavam a pescar e veem alguém na margem. E João diz: «É o Senhor». Pedro poderia ter pensado: «Não! Agora, escondo-me, como se não estivesse»; pelo contrário, Pedro de imediato se atira à água para chegar primeiro. Depois, chegam os outros. Imaginem o que Simão terá pensado. «Simão, cujos muitos erros o tinham tornado o mais humilde de todos, sentado também ele no chão diante do alimento preparado pelo Mestre, olha para quem está ao seu lado e com espanto e tremor vê que é Jesus. Então, afasta o olhar d’Ele e fica assim, embaraçado. Mas Jesus fala-lhe. Pedro pensa no seu coração: “Meu Deus, [...] quanta reprovação mereço! Agora vai dizer-me: ‘Porque me traíste?’” A traição foi o último grande erro feito [por Pedro], mas toda a sua vida, mesmo na familiaridade com o Mestre, foi atribulada, por causa de seu carácter impetuoso, da sua imponência instintiva, do seu lançar-se sem calculismo. Tudo de si ele via à luz dos seus defeitos [como tu: quando vês o teu último erro, é como se voltasse o filme da vida com

a sequência de todos os erros cometidos]. Aquela traição fizera emergir nele com clareza o resto dos seus erros, como não valia nada, o quanto era fraco, fraco de dar dó [como tu e como eu: fracos de dar dó]. “Simão...” – quem sabe que emoção, enquanto aquela palavra soava no seu ouvido, tocando-lhe o coração – “Simão [...], tu amas-me?”. Quem alguma vez poderia esperar esta pergunta? Quem poderia esperar aquela palavra? [...] “Simão, tu amas-me?”. “Sim, Senhor, eu amo-Te ⁵³”. Como conseguia dizer isto, depois de tudo o que tinha feito? Aquele “sim” era a afirmação do reconhecimento de uma excelência suprema, de uma excelência inegável, de uma simpatia que superava todas as outras. Tudo ficava inscrito naquele olhar, coerência e incoerência era como se tivessem passado para segundo plano, depois da fidelidade que sentia como carne da sua carne, depois da forma de vida que aquele encontro tinha determinado». «Sim, eu te amo». Quando diz isto, o que está Simão a dizer? Ouve como *don* Giussani o expressa: «Para Ti vai toda a minha preferência como homem, toda a preferência do meu espírito, toda a preferência do meu coração [é por ti, Cristo]. Tu és a extrema preferência da vida, a excelência suprema das coisas. Eu não sei, não sei como, não sei nem mesmo como dizê-lo e não sei como seja, mas apesar de tudo o que fiz, apesar do que ainda posso fazer, eu amo-Te », ou seja, toda a minha simpatia humana é por Ti, Cristo. A verdadeira questão é se esta relação prevalece, se toda a minha simpatia humana, mesmo dentro do meu erro, é por Ti, ó Cristo. Se prevalece isto, caríssima amiga, se na nossa vida aos poucos prevalece isto, mesmo com todos os nossos limites, o nosso caminho será pleno de ternura e de misericórdia; um caminho onde a afeição a Jesus atravessa todo o nosso erro, o nosso mal, a nossa humanidade, e todas as fibras do nosso ser se apegam a Jesus. Então começarás a perceber que és benfeita, mas que para te realizares é preciso um caminho, ao longo da qual Jesus não se assusta com os teus erros. Se quiseres ser amada, como Pedro foi amado, então assume a Sua atração e a simpatia humana por Ele.

Pergunta - Em relação à carta da rapariga que, falando da relação com o seu namorado, chegou à conclusão de que ele não é seu, mas de um

53 L. Giussani - - S. Alberto - J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, pp. 82-84..

Outro, comparando isso com a minha experiência, não percebo o meu papel; no momento em que nos apercebemos de que o amigo ou o namorado não é teu, o que sou para ele?

Carrón -Boa! Vês? Ou nós somos tudo para o outro, e assim ambos nos preparamos para o desastre, ou no dia em que nos apercebemos que não somos tudo, porque o destino do outro é maior, já não sabemos qual é o nosso papel naquela relação. Quando dizia aos que se queriam casar: «Mas não estás a pensar que a vais fazer feliz?», respondiam-me: «Então, porque me devo casar?». E eu: «É uma bela pergunta, é melhor que a faças quanto antes! É melhor!». Qual é o nosso papel? Não somos um a realização do outro, mas uma companhia para o destino, e o destino de ambos é Cristo. O teu papel é despertar no outro todo o seu desejo, todo o desejo do infinito, o desejo de Cristo, e o papel do outro é despertar o mesmo desejo em ti. Então, amas esta pessoa porque foi aquela que o Mistério te deu para despertar em ti, e vice-versa, todo o desejo e toda a saudade de Jesus. E este é um papel decisivo. Tu és aquela que mais o remete para além, que mais desperta nele o desejo do infinito, mas, ao mesmo tempo, não o podes realizar, e deveria chorar no dia em que te apercebesse que não o podes realizar. Em vez disso, tendo encontrado Jesus, sabemos porque nos fez encontrar: para nos ajudar um ao outro a caminhar para o Único que realiza, Cristo. Este é o nosso papel: tornar-se uma companhia verdadeira para o destino. E isto resolveria muitas das vossas irritações, tanta violência entre vós, precisamente porque o outro não pode ser aquele que realiza a nossa vida: o desejo de que somos feitos é muito maior do que o outro pode realizar. Descobrir o nosso papel é, por conseguinte, fundamental para entender porque vos casareis, porque o Mistério deu-nos o outro, esse outro tão decisivo para caminhar para o destino.

SÍNTESE | JULIÁN CARRÓN

9 de dezembro – de manhã

Julián Carrón - Enquanto caminho sob o céu admiro-me que Jesus tenha morrido por uma pobre gente esfomeada, como eu e como tu». ⁵⁴ «Deus é o início sempre», disse-nos o Papa no Sínodo. «Só a precedência de Deus torna possível o nosso caminhar [a estrada]. A iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, é que podemos também tornarmo-nos – com Ele e n’Ele – evangelizadores [criaturas novas]. Deus é o início sempre ⁵⁵». E só quem se deixa agarrar por Deus, que se tornou próximo em Cristo, pode responder aos desafios que temos diante de nós. O que agora queremos olhar juntos é a estrada, para procurar inserir-nos nesta iniciativa de Deus.

Na carta após o Sínodo lembrei uma frase de *don* Giussani que fala precisamente desta iniciativa de Deus: «O Movimento nasceu de uma presença que se impunha e trazia para a vida a provocação de uma promessa a ser seguida». Esta presença que se impõe será sempre o início, como vocês próprios testemunham. «Neste último período estou viver tudo de um modo que, até há bem pouco tempo, pensava ser impossível para mim. Mal cheguei à universidade, conheci jovens do CLU e de imediato me afeiçoei a eles. Impressionava-me o seu modo de estar juntos, o seu empenho no estudo e na universidade, e via como era belo viver assim. Por conseguinte, comecei a desejar ser como eles. Descobri que não é uma questão de capacidade, aquele modo de viver e de fazer não o aprendi como uma lição, mas seguindo-os, comecei a não desejar menos do que na realidade desejo e a aperceber-me quando não é assim [uma presença que se impõe move o nosso desejo, por uma promessa]». Uma outra de vós escreve: «Alguns fatos que me acontecem todos os dias têm exatamente a mesma dimensão daquele primeiro encontro com o

54 «I Wonder», in *Canti*, op. cit., p. 328.

55 Bento XVI, *Meditação durante a primeira Congregação Geral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 8 de outubro de 2012.

Movimento [e cita:] “trazem para a vida a provocação de uma promessa a seguir”, como dizia na carta. Prometem a vida, a verdadeira. É por esta conveniência que desejo seguir estas pessoas». É a mesma coisa que aconteceu nestes dias, como dizia Nick, ontem ao jantar, e que levou muitos de vocês a seguirem a experiência.

Nick: «Ontem fiquei muito impressionado com a assembleia e enquanto saía, dizia a mim mesmo: percebi de novo porque sou do Movimento, porque estou aqui e porque quero estar aqui; enquanto falavas, e respondendo às perguntas contavas como Jesus desafiava os seus discípulos e as pessoas que encontrava, disse para mim mesmo: aqui está, agora, neste instante, estamos a assistir à mesma coisa, ou seja, estamos perante o mesmo espetáculo. E, se olho para todos estes anos, como penso seja para muitos de nós, não posso deixar de dizer que vi aquele olhar revelador do humano, vimo-lo, que aquela impossível correspondência é uma experiência que fiz, que ser desafiado assim, como Jesus desafiava os seus discípulos, até me encontrar diante de alguém que ama mais a minha liberdade do que a minha adesão formal, isto vi-o, vimo-lo. Por isso, saí da assembleia grato como nunca por esta história e tendo diante dos olhos esta evidência: que é mesmo verdade o que dizes, ou seja, que a distância de todos estes anos de história que nos separam daquele fato foi anulada pelo re-acontecer agora da mesma coisa; e quando acontece, sabemos-lo».

Carrón - Sabe porque corresponde, ninguém precisa de lho explicar. É «um fato de vida», diz *don* Giussani, um fato de vida que nos toma hoje. E precisamente porque é um fato de vida, é impossível ficarmos indiferentes, como diz um outro de vós: «Neste período aconteceram-me muitas coisas, das mais belas e imediatas de perceber e aceitar às difíceis e menos imediatas. Dentro de tudo isto, porém, o que me estou a aperceber é que me é impossível ficar indiferente a uma plenitude de vida que, dentro de um trabalho quotidiano, nasce em tudo o que acontece e que tem como ponto de origem o grito do meu coração. O fato cada vez mais evidente é que esse grito se realiza em cada instante na relação com Cristo e expressa-se dentro da sequela da companhia do Movimento». É decisivo apercebermo-nos disto. *Don* Giussani é tão nosso amigo que nos diz para

estarmos atentos, porque perante o que esteve na origem – uma presença que se impunha e fazia à vida a provocação de uma promessa a seguir, de tal modo que quem desejou aquela plenitude, não quis ficar indiferente – corremos o risco de mudar o método. «Mas depois – diz *don* Giussani – confiamos a continuidade deste início aos discursos e às iniciativas, às reuniões e às coisas a fazer. Não a confiamos à nossa vida, de modo que o início cessou muito depressa de ser verdade oferecida à nossa pessoa e tornou-se início de uma associação, de uma realidade sobre a qual se descarrega a responsabilidade do nosso próprio trabalho e a partir da qual se pretende a resolução das coisas. O que deveria ser o acolhimento de uma provocação e, por conseguinte, um seguir vivo, tornou-se obediência à organização».⁵⁶ Como escreve uma de vocês, esta tentação está sempre à espreita: «Depois da carta que escreveste no [jornal] *Repubblica*, vi-me obrigada a avaliar desde o início toda a experiência que vivi nestes anos de CLU. Foi muito doloroso reconhecer que muitíssimas vezes reduzi o encontro que fiz a um conjunto de iniciativas, ainda que belíssimas, e de coisas a fazer ou dizer, nas quais, porém, no fundo, faltava eu própria [descarregamos a nossa responsabilidade sobre uma organização, da qual se espera a resolução das coisas: “Faltava eu própria!”]. Com efeito, tive que constatar que tinha medo da minha liberdade e do meu desejo diante das coisas, pelo que muitas vezes bastava-me o juízo de uma outra pessoa. Quando me apercebi disso, primeiramente experimentei uma grande irritação e, depois, uma enorme dor. E a única razão pela qual pude olhar até ao fundo do meu mal e não cair foi o reconhecer que, apesar de tudo, eu existo e sou amada. E este juízo trouxe uma libertação impensável, que teve como consequência uma disponibilidade e um desejo de rever tudo, procurando entender o que era para mim, tentando não ficar ligada a todos os meus esquemas e a uma posição defensiva, e tornou-se num trabalho verdadeiramente agradável, ainda que muito cansativo, no qual lentamente me estou recuperando e descobrindo a mim mesma [interessa-vos isto? De contrário, procurem alguma outra associação, há muitas delas no mundo, onde pagam a inscrição e passam a pertencer ao clube]. Tudo isto seria impossível para mim sem o seguimento do Movimento,

56 L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa, 2006, p. 65.

de ti e de todos os que me foram dados para seguir na vida quotidiana».

A tentação de reduzir tudo a um mecanismo está sempre à espreita, como diz uma outra carta; são todas testemunhos de como podemos ficar bloqueados num instante após o início; não é que não nos tenha acontecido nada, de contrário não estaríamos aqui a falar, não ficaríamos aqui a escutar, mas a tentação de reduzir é contínua: a respeito do «mas depois...», o «mas depois» que muda o método, é fundamental ter ideias claras para nos ajudar a não perder o encanto, a frescura do início. «Em setembro, comecei o curso de especialização numa outra universidade. A chegada e o impacto com uma realidade muito diferente e muitas outras dificuldades fizeram surgir em mim o medo de não conseguir. Não sei bem explicar como. A uma certa altura, é como se se tivesse desencadeado um mecanismo de sobrevivência: “Preciso de me concentrar em mim própria, procurar autogerir-me”, mas vi-me cada vez mais sozinha. No momento em que decidi fazer-me por mim própria, perdi-me, porque perdi a verdade de mim». Num certo momento, pensamos que conseguimos sozinhos: já percebi, tenho nas mãos o que aprendi, não preciso de seguir ninguém, posso autogerir-me, e então «perdi a verdade de mim». «Depois o re-encontro com uma amiga me levou a entender outra vez que Cristo se vergava novamente sobre mim e me chamava pelo nome, não me deixando abandonada à minha inconsistência e à minha dor. Naquele dia percebi, verdadeiramente, depois de anos de vida no Movimento, o que é realmente o Movimento». O Movimento não é uma associação, não é uma organização, não é um clube, chama-se «Igreja»: é o lugar onde Cristo permanece presente para continuar a salvar-nos. E, se nós não percebemos isto, não temos razões adequadas para estar aqui. De imediato – de imediato! – vemos o que acontece quando pensamos que podemos conseguir sozinhos, como se o Movimento fosse válido apenas para adolescentes que, depois de crescidos, podemos dispensá-lo; tudo bem, mas só para uma certa fase da vida. Assim, imaginaram a Igreja os racionalistas: ela contribuiu para a educação da humanidade, a qual, tendo chegado à idade adulta, não precisa mais dela. Hoje vemos onde acabámos. Esta tentação está sempre à espreita, como vemos entre nós, é a tentação de nossa autonomia. Mas eu, porque preciso depender? Somos tão pobrezinhos que precisamos de um outro para sermos nós próprios,

a pertença é para não nos perdermos. Nós dependemos. Continua a carta: «Este é o lugar onde sou continuamente chamada pelo nome. Então, seguir começa por ser entendido na sua verdadeira profundidade, não é uma escravidão, não nos tira nada, não é o penhor a pagar à associação, é – como diz *don* Giussani – um seguir vivo que me restitui, uma e outra vez, a mim própria e a minha vida. Por isso, o meu único desejo neste momento é ter sempre a lealdade de seguir».

Don Giussani – que graça recebemos! –ajuda-nos a perceber o que é verdadeiramente o seguimento. Muitos, de fato, mesmo aqueles que reduzem o Movimento a iniciativas, a uma organização, a um mecanismo, podem usar a palavra «seguir», dizer: «Eu estou a seguir», precisamente no momento em que estão a fazer o que *don* Giussani nos adverte para não fazermos: «Mas depois confiamos a continuidade [...] às iniciativas [...] e às coisas a fazer». Mesmo que dissessem «Estou a seguir», Giussani diz «Não!». E porque Giussani tem razão? O que Giussani diz é verdade não porque foi ele quem disse – pois assim o estaríamos a tratar como um guru –, mas porque esse seguir reduzido não corresponde às exigências do coração, nós constatamos que alguma coisa se interrompe em nós, que nos perdemos pela estrada. Temos na nossa experiência a confirmação da verdade do que nos diz *don* Giussani.

Devemos, pois, ir embora destes dias com uma clareza maior ainda do que é o seguimento. Retomei-o já na carta depois do Sínodo: «O seguimento é o desejo de reviver a *experiência* da pessoa que te provocou e te provoca com a sua presença na vida da comunidade, é o desejo de participar na vida dessa pessoa, da qual te é trazido Algo diferente, e é a esse Algo que és dedicado, que aspiras, que queres aderir dentro deste caminho⁵⁷». *Don* Giussani deixou-nos esta descrição do que é o seguimento para que nós possamos fazer a comparação com o que vivemos em cada dia. De facto, podemos dar o nome de seguimento a muitas coisas que não o são, que são reduções dela. Com frequência pensamos seguir porque repetimos o discurso correto, o que aprendemos; mas se fizermos a comparação, logo veremos a diferença: *don* Giussani não diz que seguir é repetir o já sabido, mas que é reviver a experiência da pessoa que nos im-

57 *Ibidem*, p. 66.

pressionou. Trata-se de reviver uma experiência e não de repetir um discurso, ainda que correto. É muito diferente! Seguir também não é apenas participar em certas iniciativas, ainda que justas, mas – precisamente – reviver a experiência daquele que nos impressionou. Seguir não é apegar-te sentimentalmente e de um modo personalista a alguém, ao chefe do turno, porque podes apegar-te a ele e não fazer a sua experiência. Seguir é reviver a experiência da pessoa que te provocou, que é o que desejamos desde o início; encontramos algo e dizemos: «Comecei a desejar ser como eles, participar daquela experiência». Giussani dá voz ao que desejamos, é alguém que adere mais do que ninguém ao que acontece com todos, é leal com o que emerge em nós, não se afasta da realidade. O que quer dizer participar da experiência do outro? O que quer dizer experiência do outro não reduzida? Vede como Giussani responde: «É o desejo de participar da vida daquela pessoa a qual te trouxe algo de Outro⁵⁸». Se não chegamos a este Outro, se ficamos apegados à pessoa sem a seguir até esse Outro, não faremos a experiência daquele que nos impressionou. Com efeito, impressionou-nos não porque é necessariamente um génio, não porque é bom, não porque é particularmente inteligente, mas por este Outro, porque traz este Outro para a nossa vida. O que impressiona os outros quando nos veem é este Outro que carregamos na fragilidade dos nossos rostos. E se não nos deixamos introduzir na relação com este Outro, não faremos a mesma experiência, não estaremos seguindo a experiência do outro. Dizia *don* Giussani relativamente a si próprio: «Pode haver centenas e centenas ligados à minha pessoa [é ele quem o diz!], entre eles não acontece nada⁵⁹», porque não fazem a sua própria experiência, porque o que une é que cada um aprenda, ou seja, faça a sua própria experiência. *Don* Giussani não se contentava – esta é sua amizade para conosco – em que houvesse muitíssimos indivíduos ligados à sua pessoa como tal, porque isso não bastava. Jesus não se contenta com o fato de que o povo se ligue à Sua pessoa; Ele multiplica os pães, todos se ligam à Sua pessoa a ponto de quererem fazê-Lo rei, mas Jesus escapa: «Não é disto que se trata». E repete: «Se vocês não entenderem que precisam de comer o meu corpo e beber o meu sangue, não poderão ter vida em vós. E quan-

58 *Ibidem*.

59 Conselho Nacional de CL, *Idice*, San Lazzaro di Savena (BO), 1-2 de março de 1980.

do os convida para fazerem a Sua própria experiência, irritam-se e vão-se embora. Parecia que O queriam seguir, que estavam ligados à Sua pessoa (queriam fazê-Lo rei), mas não estavam dispostos a fazer a Sua própria experiência, e então abandonaram-n'Ó.

Podemos ler todo o Evangelho com esta chave: «Pedro, quem dizem as pessoas que eu sou?». «Tu? O Messias». «Muito bom, Pedro»; está ligado, mas Jesus continua: «Agora vamos a Jerusalém porque eu devo morrer». «Não, de modo nenhum!». Pedro está ligado a Jesus, mas não quer fazer a Sua experiência e então introduz a sua própria medida: «Não, não, não, nem em sonhos!». Mas Jesus não retrocede: «Então, afasta-te de mim, Satanás, porque pensas como os homens, não como Deus»; ou seja, Pedro não quer fazer a experiência de Deus que Jesus faz! Percebem a diferença entre o seguimento que Pedro tem na cabeça e a conceção de seguimento própria de Jesus? Ele move-os constantemente, como vimos na Escola de comunidade. Chegam ao Jardim das Oliveiras, vêm prendê-Lo, e Pedro, que não tinha percebido a repreensão que lhe tinha feito antes, volta à carga, puxa da espada e corta uma orelha ao soldado romano. «Pedro, mas não percebes? És tão obtuso a ponto de não perceberes que meu Pai tem legiões de anjos? Ou pensas que está a dormir ou distraído? Não percebes que o que agora acontece é o Seu desígnio, que eu me vergo ao desígnio de um Outro? E se tu queres estar comigo, se queres fazer a minha experiência, precisas de entrar também tu no desígnio de um Outro, porque se não entrares lá, quando as coisas não forem tão bem como desejarias, ficarás sempre como vítima. Mas eu quero introduzir-te na relação com o meu Pai que está nos céus, fazer--te ver o que é a vida, fazer-te experimentar a vitória que é a tua própria ligação com o Pai: quando vires esta vitória em Mim, poderás entender que esta ligação é mais poderosa do que a morte, mais poderosa do que qualquer derrota. Eu quero levar-te a perceber que a verdadeira questão é a ligação com o Mistério que nos faz. Seguir é seguir-Me até aí, porque é esta ligação que dá à vida uma consistência tal que pode acontecer qualquer coisa, que permaneces firme. Esta ligação revela-se mais poderosa do que qualquer mal, do que qualquer ferida, do que qualquer fracasso, qualquer circunstância. Isso interessa-te ou não? Porque se não, já perdemos a batalha».

Percebem a paixão que Jesus tem pela nossa vida? Percebo, então, que qualquer pessoa, diante de um homem assim, pode desejar segui-Lo, viver a Sua experiência: «Enquanto relia a tua intervenção na Jornada de Início de Ano, saltou-me aos olhos esta frase: “Aliás, há a batalha que é toda a vida. Que na vida eu mantenha Jesus presente! A nossa amizade promete-nos isto: uma ajuda para incrementar, avançar, caminhar dentro desta memória” em qualquer batalha. Com o início do ano, que para mim foi e continua a ser muito difícil, descobri em mim, mais do que antes, a exigência de uma pessoa para seguir, com a qual eu possa confrontar-me com verdade. No primeiro dia de universidade, vou à Missa e encontro um amigo meu mais velho, que de imediato me convida para almoçar. Acende-se imediatamente um diálogo cerrado com uma outra nossa amiga que fala das dificuldades no trabalho e na vida no apartamento; no fundo, estava um pouco desanimada. Diante de todos estes problemas, o meu amigo pergunta-lhe: “Mas em tudo isso houve pelo menos um momento em que fizeste a experiência de liberdade?”. Assim a discussão mudou totalmente de tom, porque esta simples pergunta levou de novo ao ponto central. “Em tudo o que te acontece, reconheces algo que te torna livre, que não te leva a ruir, mesmo se tudo à tua volta parece ir contra ti?”. Esta pergunta foi a primeira das contínuas provocações nascidas da relação com este meu amigo e apercebi-me que também eu desejava a sua própria liberdade e alegria, e decidi segui-lo. Ao fazer isto apercebi-me de que ele é assim porque, por sua vez, também segue totalmente esta companhia, indo sempre à origem. E ao fazê-lo provoca-me também a mim para este reconhecimento. De facto, sempre que lhe conto alguma coisa é impossível ficar na parcialidade porque me pede a razão de tudo. E isto provocou o início de um trabalho: mas quem és Tu que atrais a tal ponto um homem que o tornas tão vivo e tão livre?” [Este outro que tens diante de ti traz um Outro; mas quem és Tu, Cristo, que atrais um homem a ponto de o tornar tão vivo e tão livre? É por isso que te impressiona, por este Outro]. E vi-me a perguntar e, depois, a pedir: “Faz com que eu também Te reconheça, torna-me igual a ele”, e começou a tomar forma em mim o desejo de estar também eu numa relação consciente e segura com a Presença que ele tem sempre em mente. Desejei voltar a fazer a sua própria experiência, que a mim, às

vezes, parece tão distante e abstrata, por falta de uma autoconsciência, por falta de um trabalho anterior. Já não me escandalizo com isto como antes, mas antes de tudo estou grata por este encontro. Peço-te que me ajudes neste trabalho de reconhecimento e de seguimento».

Porque é decisivo chegar a este Outro? Porque só se alguém nos leva a este Outro é que nos leva ao que aspiramos, de que tu és espera. Por isso, *don* Giussani diz: «É este Outro a quem te dedicas, a quem aspiras, a quem queres aderir, dentro deste caminho⁶⁰». Se não chegamos a este Outro, não encontraremos o que o nosso coração espera. Por isso, Jesus não se contentava: «Se não comerdes a minha carne e não beberdes o meu sangue, não podereis ter vida. Se não vos levo à origem da minha vida, não podeis ser verdadeiramente dedicados, não podeis ser tomados, não podeis fazer esta experiência de correspondência, que é a aspiração de todo o homem».

Um amigo contava-me, tempos atrás, que a certa altura, tendo começado a fazer experiência deste Outro, se surpreendeu com um cântico ouvido tantas vezes: «Minha alma tem sede do Deus vivo: quando verei o Seu rosto?», e sentiu todo o anseio e o desejo de ver o Seu rosto. Num dado momento, caminhando por esta estrada, se não reduzirmos o seguimento à nossa medida, vamos surpreender-nos a desejar algo que, apenas há alguns anos atrás – como ele me dizia –, nunca teríamos sonhado. Não é que nunca tivesse ouvido esse cântico, mas pôde redescobrir o seu valor pelo que estava a viver. Se não fizermos um caminho, perderemos o melhor. Ao invés, quando fazemos o caminho, as coisas começam a falar-nos, começam a ter uma intensidade, um calor, um mais, que é o que torna a vida diferente, e não porque acontecem coisas espetaculares; não, um cântico que eu ouvi milhares de vezes a certa altura adquire um peso, um calor, uma intensidade nunca antes percebida; ou ver o rosto de um amigo ou almoçar juntos ou jogar futebol. Para experimentar a novidade prometida por Cristo não temos necessidade de outra coisa senão comer, beber, estar juntos, estudar.

Escreve Lewis: «O que me agrada da experiência [ou seja, esta experiência de correspondência que eu sinto dentro de mim] é que se trata

60 L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit, p. 66.

de uma coisa tão honesta. Podem fazer um monte de coisas erradas, mas tenham os olhos abertos e não lhes será permitido ir muito longe antes de aparecer o cartel justo. Podem ter-se enganado a vós próprios [durante anos], mas a experiência não está a procurar enganar-vos. O universo responde a verdade quando o questionamos honestamente⁶¹». A verdadeira questão é se nós queremos seguir, se estamos dispostos a seguir um mestre tal como nós é proposto. O que *don* Giussani nos propõe não é diferente daquilo que vemos testemunhado no evangelho quanto à relação de Jesus com os discípulos: não cedia nunca a nenhum outro tipo de seguimento que não fosse o seguir o desígnio de um Outro. Jesus sabia melhor do que todos os seus discípulos de que era feito o coração do homem; Ele próprio o tinha feito para o infinito, sabia que se não chegassem a esse Outro, não teriam sido tomados. Muitos poderão propor-vos outras modalidades de seguimento. Se se contentarem com menos do que dissemos, podem até caminhar, mas não será nunca a mesma coisa, porque não somos nós que decidimos, nem vós que decidistes, nem decidem eles o que nos corresponde: a experiência é honesta: aqui não é um problema de opiniões, não é um problema de alinhamentos, não é um problema de interpretações, como pensam muitos, não é nada disso, é um problema de correspondência. E vocês precisam de decidir se querem crescer, crescer a ponto de seguir a correspondência, ou se querem ouvir uma ou outra das opiniões em voga. É o tempo da pessoa, e cada um de vocês tem o detetor para descobrir se é verdade ou não o que vos é proposto: chama-se «correspondência».

Só se seguirmos poderemos contribuir para o que o Papa nos pede para a próxima Jornada Mundial da Juventude: «Caros amigos, não se esqueçam nunca de que o primeiro ato de amor que podem realizar em relação ao próximo é partilhar a fonte da nossa esperança: quem não dá Deus, dá muito pouco!⁶²». Nós podemos oferecer aos nossos amigos na universidade, aos nossos colegas, a graça que nos aconteceu: aconteceu-nos para o mundo, para a missão, para poder partilhar com todos o que nos foi dado. Já o vimos: porque algum de vocês disse sim, muitos daque-

61 C.S. Lewis, *Sorpresa dalla gioia. I primi anni della mia vita*, Jaca Book, Milão 1980, p. 131.

62 Bento XVI, *Mensagem pela XXVIII Jornada Mundial da Juventude*, 2013, Vaticano, 18 de outubro de 2012, p. 5.

les cujas cartas lemos aqui, quando chegaram à universidade puderam encontrar um fato de vida que despertou neles a esperança. Qualquer outra coisa teria sido pouco demais. Devemos conduzir as pessoas para encontrarem o Deus vivo: «Sejam vocês o coração e os braços de Jesus! [diz o Papa]. Testemunhem o seu amor, sejam os novos missionários animados pelo amor e pelo acolhimento!⁶³». Sejam vocês o coração e os braços de Jesus. Mas para poder «oferecer aos nossos irmãos homens – dissemos na carta após o Sínodo – um fato de vida, é preciso que amadureça em cada um de nós uma autoconsciência tal da nossa dependência original que nos faz renascer em qualquer escuridão; e é necessário estarmos de tal modo tomados pelo acontecimento de Cristo que a Sua memória domine os nossos dias, porque nunca sou tão eu próprio como quando Tu, Cristo, me aconteces e me invades com a Tua presença⁶⁴». Diz uma nossa amiga: «Nós do CLU não somos muitos [vive numa cidadezinha], mas o que me apercebi é que quando tu dizes que é o “tempo da pessoa”, a mudança é verdadeiramente pessoal. Tento explicar. Escrevias na carta à Fraternidade: «A nossa contribuição só se pode inserir no dinamismo implantado por Deus através do seu Espírito”. É mesmo verdade, acontece assim. Conto-te dois pequenos factos. Durante uma Escola de comunidade entra um rapaz na sala e pergunta: “Isto é CL?” e uma de nós [éramos quatro gatos pingados]: “Sim, o CL é isto”. E ele: “Posso ficar aqui convosco?” [Um facto de vida não é um problema de dimensões, mas de diversidade]. Eu tive a certeza de que não me devo preocupar com nada a não ser seguir quem abraça a minha vida assim, permitindo-me em cada instante voltar à origem. Mas quem está tão atento à minha vida e tem a caridade de me reabrir continuamente àquela relação misteriosa que me gera? Somente quem segue, porque é isto que muda a história». «O que pode mudar a história [diz um outro] não é tanto o que cada um consegue fazer, mas só alguém que começa a mudar. E vem-me com frequência à mente a resposta dada por Jesus à pergunta: mas o que devemos fazer para realizar as obras de Deus?. Jesus responde: “Esta é a obra de Deus: crer n’Aquele que Ele enviou”».

O nosso contributo ao mundo e aos nossos irmãos homens é a fé, é o re-

63 *Ibidem*,

64 J. Carrón, *Carta à Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 1 de novembro de 2012.

conhecimento de Cristo que nos toma e, por isso, pode fazer brilhar a Sua presença nos nossos rostos. É o que nos diz o Papa – e assim terminamos –: «Assim são os novos evangelizadores [as novas testemunhas]: pessoas que fizeram a experiência de ser restauradas por Deus, mediante Jesus Cristo. E sua característica é a alegria do coração⁶⁵». Parece pouquíssimo como sinal, mas está tudo ali: a alegria do coração, estampada nas nossas faces.

65 Bento XVI, *Homilia da Santa Missa para a conclusão do Sínodo dos Bispos*, 28 de outubro de 2012.

INTRODUÇÃO

7 de dezembro, à noite 3

LIÇÃO

8 de dezembro, de manhã 11

ASSEMBLEIA

8 de dezembro, de manhã 33

SÍNTESE

9 de dezembro, de manhã 53

© Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón

Na capa: foto Getty Images

Suplemento do periódico *Passos – Litterae Communionis*, nº1, Janeiro 2013

Taprobana – Associação cultural,

Rua Mouzinho da Silveira, 27, 7ºB, 1250 – 166 Lisboa

Projecto gráfico: Davide Cestari, Lucia Crimi

Paginação: Teresa Palma

Impressão: Lithoformas, S. A. – Rua D. Nuno Álvares Pereira, Vale Figueira,
2695 – 748 São João da Talha

